VOZES DE MACABÉA: ENTRE LETRAS E JUSTIÇA



Experiências do Ler no Direito com Clarice Lispector: Extensão Universitária em foco

Organização:
Professor Robson Figueiredo Brito e
Raquel Regina Minamizawa de Aguirre

Organizadores

Robson Figueiredo Brito

Raquel Regina Minamizawa de Aguirre

VOZES DE MACABÉA: ENTRE LETRAS E JUSTIÇA

Experiências do Ler no Direito com Clarice Lispector: Extensão Universitária em foco

PUC Minas

Belo Horizonte

2025

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

V977 Vozes de Macabéa [recurso eletrônico] : entre letras e justiça : experiências do ler no Direito com Clarice Lispector : extensão universitária em foco / organizadores Robson Figueiredo Brito, Raquel Regina Minamizawa de Aguirre. Belo Horizonte: PUC Minas, 2025.
E-book (78 p. : il.)

ISBN: 978-65-5295-025-3

1. Lispector, Clarice, 1925-1977. 2. Literatura. 3. Direito. 4. Cartas. 5. Extensão universitária. I. Brito, Robson Figueiredo. II. Aguirre, Raquel Regina Minamizawa de. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 82-6
Ficha catalográfica elaborada por Gabriela Fernandes dos Santos Dias - CRB 6/4473

ADMINISTRAÇÃO DA PUC MINAS

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

Grão-Chanceler
Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor
Prof. Dr. Pe. Luís Henrique Eloy e Silva

PRÓ-REITORES

Extensão: Profª. Drª. Cláudia Venturini
Gestão Financeira: Prof. Me. Paulo Sérgio Gontijo do Carmo
Graduação: Prof. Me. Eugênio Batista Leite
Logística e Infraestrutura: Prof. Me. Rômulo Albertini Rigueira
Pesquisa e de Pós-graduação: Prof. Dr. Martinho Campolina Rebello Horta
Recursos Humanos: Profª. Drª. Liza Fensterseifer

SECRETARIAS

Secretaria de Comunicação: Prof. Dr. Mozahir Salomão Bruck
Secretaria de Cultura e Assuntos Comunitários: Prof. Dr. Jorge Sündermann
Secretaria Geral: Profª. Drª. Anne Shirley de Oliveira Rezende Martins
Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Prof. Dr. Marcos André Silveira Kutova

PRÓ-REITORES ADJUNTOS

Barreiro: Prof. Dr. Luis Renato Junqueira
Betim: Prof. Dr. Rafahel Carvalho de Souza
Contagem: Prof. Me. Lúcio Mauro Pereira
Lourdes: Prof. Me. Carlos Barreto Ribas
Poços de Caldas: Prof. Dr. Iran Calixto Abrão
São Gabriel: Prof. Me. Tarcísio José de Almeida

COORDENADORES ACADÊMICO-ADMINISTRATIVOS DE CAMPUS

Arcos: Prof. Me. Eugênio Batista Leite
Serro: Profª. Dra. Wilba Lúcia Maia Bernardes

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Profª. Drª. Cláudia Venturini

PRODUÇÃO ACADÊMICA E PUBLICAÇÕES

Formatação e Diagramação
Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito
Profª. Drª. Renata Dumont Flecha

Profª. Drª. Maria Madalena Loredo Neta
Januza Caroline Gonçalves Correia
Fabiana Marques de Souza e Silva

Designer da capa
Izabela Silva Moreira
Gabriel Maia de Araújo - (Extensionista e graduando em Cinema pela PUC Minas)

AUTORES DAS CARTAS E ILUSTRAÇÕES

Alunos no 3º período de Direito no 1º semestre 2025:

Ana Clara Viana Rodrigues
Caio Carvalho Higa de Souza
Ester Meira
Fernanda Matos
Gabriel Bacelete Lara
Gabriella Liz
João Gabriel Coelho Correa
João Pedro Souza Freire
Jullie Beatriz
Larissa Fernandes Rodrigues
Letícia Diniz
Luma Xavier Gabrich Siqueira
Maria Aparecida Coelho Gomes
Ricardo Mauro de Abreu
Sarah Martins Gomes
Thaís Santos
Vitória Maria Paz Abreu Alves
Welbert Antônio Aquino

Alunos no 4º período de Direito no 1º semestre 2025:

Arthur Silva de Arruda
Camila Eduarda Vieira Silva
Cíntia Almeida de Souza
Kethllem Cristina Gomes Ramos
Luana Ramalho Candelária
Luciana dos Santos Reis
Raquel Regina Minamizawa de Aguirre
Thawany Ramana

Ilustradores:

Ana Clara Viana Rodrigues (4º período manhã no 2º semestre 2025) – Cartas de Ana Clara Viana Rodrigues, Luma Xavier Gabrich Siqueira e Sarah Martins Gomes; e de Ester Meira e Jullie Beatriz.

Cíntia Almeida de Souza (5º período manhã no 2º semestre 2025) – Carta de Cíntia Almeida de Souza.

Júlia Isabelle Oliveira do Carmo (10º período manhã no 2º semestre 2025) – Cartas de Ricardo Mauro de Abreu e de Camila Eduarda Vieira Silva e Thawany Ramana.

Júlia Rolim Tavares (4º período noite no 2º semestre 2025) – Cartas de Gabriella Liz, Letícia Diniz e de João Gabriel Coelho Correa; e de Maria Aparecida Coelho Gomes, Welbert Antônio Aquino.

Luana Ramalho Candelária (5º período manhã no 2º semestre 2025) – Carta de Luana Ramalho e de Raquel Regina Minamizawa de Aguirre

Matheus Lopes, estudante de Filosofia na PUC Coração Eucarístico, extensionista do projeto: Em busca do humano e da Humanidade Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC), seminarista da Diocese de Divinópolis – Ilustração da mensagem inicial.

Autores das respostas:

Adilson Ribeiro de Oliveira. Professor no Instituto Federal Minas Gerais. Doutor em Letras.

Ana Cláudia Xavier. Funcionária PUC Minas. Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas.

Ana Luiza Rodrigues Marques Nicolato Peixoto. Estudante de Direito do 8° período no 2º semestre 2025 da PUC Minas.

Andréa Regina Mello Fonseca. Professora da Educação Básica na Escola Municipal Dra. Zilda Arns.

Carla Carolina Rodrigues de Almeida. Estudante de Direito do 2º período 2º no semestre 2025 da PUC Minas.

Gisleule Souto. Doutora em Direito pela PUC Minas. Professora do Departamento de Filosofia da PUC Minas.

Guilherme Cavalcante de Souza. Estudante. Participante dos Círculos de Leitura do Instituto Braudel.

Guilherme dos Santos Cavalcante Fuchs - Multiplicador bolsista da Casinha.

Igor Alves Noberto Soares. Professor da PUC Minas (Especialização) e da Faculdade Santo Agostinho de Sete Lagoas. Doutor em Direito pela PUC Minas.

Izabela Silva Moreira. Funcionária da PUC Minas. Mestre em Direito à Educação e Políticas Educacionais.

Juliana da Costa Fernandes. Psicóloga clínica, jornalista, especialista em Gestão Estratégica e mestranda em Psicologia (PUC Minas). Tem se dedicado a pesquisas no campo dos Estudos de Gênero na perspectiva de uma psicanálise decolonial.

Júlio Araújo. Professor Titular de Linguística. Universidade Federal do Ceará. Pesquisador de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Maria Eduarda de Aquino Santos. Graduanda em Psicologia pela PUC Minas

Mariana Fernandes de Oli Camargo. Estudante de Licenciatura em Artes.

Miguel Melo. Estudante. Participante dos Círculos de Leitura do Instituto Braudel.

Rafael de Souza Ozias Rodrigues. Estudante de Direito do 2º período no 2º semestre 2025 da PUC Minas.

Robson Figueiredo Brito. Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Filosofia. Coordenador do projeto Ler no Direito (2018-2023). Coordenador do Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização da Pró-Reitoria de Extensão (LEPPPAI) – PROEX - PUC Minas.

Padre Wellington Santos. Professor na PUC Minas. Graduado e mestre em Filosofia. Doutorando em Filosofia.

William Messias Pereira Secco. Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Letras, com habilitação em Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Membro do grupo de pesquisa Linguagem e Educação (LED).

Autores externos para respostas à Clarice:

Climene de Jesus da Cunha Souza Lage. Bacharela em Direito pela PUC Minas. Advogada e pós-graduanda em Direito de Família.

Iago Alves. Seminarista Religioso Claretiano. Estudante de Filosofia do 4º período Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Formatação, editoração, revisão:

Fabiana Marques de Souza e Silva. Graduada em Biblioteconomia e Especialista Gestão Estratégica da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bibliotecária da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

A todos/as os/as escritores/as e ilustradores/as que se dispuseram a dialogar com o texto/ discurso de Clarice Lispector e, por meio de Macabéa, revelaram seu gesto de escrever e de dizer sobre a pluralidade e a diversidade do ser humano, o nosso muito obrigado. Que suas vozes e traços continuem a ressoar entre letras e justiça, fazendo ecoar os múltiplos sentidos de *A Hora da Estrela*.

Viva o Ler no Direito!

Primavera de 2025 em Belo Horizonte, Minas Gerais!

SUMÁRIO

MENSAGEM INICIAL **11**
Claudia Venturini

APRESENTAÇÃO **12**
Robson Figueiredo Brito

PREFÁCIO **15**
Maria Emília Naves Nunes

O PROJETO DAS CARTAS VOZES DE MACABÉA: ENTRE LETRAS E JUSTIÇA – EXPERIÊNCIAS DO LER NO DIREITO COM CLARICE LISPECTOR - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM FOCO **16**

CARTAS DOS ESTUDANTES DE DIREITO **20**

Carta 01 ..... **19**
Ana Clara Viana Rodrigues; Luma Xavier Gabrich Siqueira; Sarah Martins Gomes

Carta 02 ..... **21**
João Pedro Souza Freire; Caio Carvalho Higa de Souza; Gabriel Bacelete Lara

Carta 03 ..... **22**
Ester Meira; Jullie Beatriz

Carta 04 ..... **24**
Fernanda Matos; Thaís Santos

Carta 05 ..... **25**
Gabriella Liz; Letícia Diniz

Carta 06 ..... **27**
João Gabriel Coelho Correa; Maria Aparecida Coelho Gomes; Welbert Antônio Aquino

Carta 07 ..... **29**
Larissa Fernandes Rodrigues; Vitória Maria Paz Abreu Alves

Carta 08 ..... **31**
Ricardo Mauro de Abreu

Carta 09 ..... **33**
Arthur Silva de Arruda

Carta 10 ..... **34**
Thawany Ramana; Camila Eduarda Vieira Silva

Carta 11 ..... **36**
Cíntia Almeida de Souza

Carta 12 ..... **38**
Kethllem Cristina e Luciana Reis

Carta 13 ..... **39**
Luana Ramalho

Carta 14 ..... **41**
Raquel Aguirre

CARTAS DE OUTROS ATORES SOCIAIS **18**

Carta 15 ..... **45**
Andréa Regina Melo Fonseca

Carta 16 ..... **46**
Júlio Araújo

Carta 17 ..... **47**
Carla Carolina Rodrigues de Almeida

Carta 18 ..... **48**
Gisleule Souto

Carta 19 ..... **50**
Izabela Silva Moreira

Carta 20 ..... **51**
Ana Cláudia Xavier

Carta 21 ..... **52**
Juliana da Costa Fernandes

Carta 22 ..... **53**
Igor Soares

Carta 23 ..... **54**
Wellington Santos

Carta 24 ..... **55**
Adilson Ribeiro de Oliveira

Carta 25 ..... **57**
Guilherme dos Santos Cavalcante Fuchs

Carta 26 ..... **58**
Miguel Mello

Carta 27 ..... **59**
Robson Figueiredo Brito

Carta 28 ..... **61**
Rafael Rodrigues

Carta 29 ..... **63**
Ana Luiza Rodrigues Marques Nicolato Peixoto

Carta 30 ..... **64**
Maria Eduarda de Aquino Santos

Carta 31 ..... **65**
William Messias

Carta 32 ..... **66**
Mariana Fernandes de Oli Camargo

Carta 33 ..... **67**
Guilherme Cavalcante de Souza

OUTRAS RESPOSTAS À CLARICE **44**

Carta 34 ..... **70**
Climene de Jesus da Cunha Souza Lage

Carta 35 ..... **72**
Iago Alves

POSFÁCIO **74**
Raquel Regina Minamizawa de Aguirre

MENSAGEM FINAL **76**
Wilba Lúcia Maia Bernardes

REFERÊNCIAS **78**

MENSAGEM INICIAL

Há livros que não se leem: se vivem. Este é um deles. Ele nasceu do encontro entre jovens estudantes e uma autora que, mesmo ausente, continua presente nas perguntas que nos inquietam. Clarice Lispector, com sua Macabéa, nos ensinou que há vidas tão silenciosas que quase não existem, e que dar voz a essas vidas é um gesto de justiça.

Na extensão universitária, a leitura é mais do que aprendizado: é partilha. É quando o saber deixa de ser privilégio e se torna caminho aberto, capaz de unir mundos que raramente se encontram. Cada carta deste livro é prova disso: são palavras que atravessaram salas de aula, corredores, cidades, e chegaram a outros corações, criando uma rede de afetos e reflexões. Porque ler é criar laços invisíveis que sustentam esperanças.

Este livro é um convite para desacelerar, para ouvir o que sussurra nas entrelinhas, para enxergar o que a pressa costuma apagar. É um chamado para que o Direito seja mais do que norma: seja cuidado, seja presença, seja ponte para quem vive à margem. Porque a verdadeira justiça começa quando aprendemos a ver com ternura.

Que estas páginas nos inspirem a sentir antes de julgar, a escutar antes de falar, a acolher antes de decidir. Que elas despertem em nós a coragem de transformar o mundo, não apenas com leis, mas com gestos que devolvam humanidade a quem foi esquecido dela. Porque, no fundo, ler é isto: é acreditar que cada palavra pode ser semente de mudança. E que, juntos, podemos fazer florescer um amanhã mais justo, mais sensível, mais vivo.

Professora Dra. Claudia Venturini. Pró-Reitora de Extensão da PUC Minas.

APRESENTAÇÃO

Para apresentar este *e-book*, cujo título é bastante significativo – *Vozes de Macabéa: entre Letras e Justiça, Experiências do Ler no Direito com Clarice Lispector – Extensão Universitária em foco* –, organizado por nós, Raquel Regina Minamizawa de Aguirre e eu, evoco uma cena enunciativa ocorrida há um ano, no dia 9 de novembro, na sala Clementina, em Roma, no Estado do Vaticano. Na ocasião, o Papa Francisco proferiu seu discurso durante o Simpósio Universitário Service-Learning e o Pacto Educativo Global e afirmou: "a educação não se faz apenas com a mente: faz-se com a mente, com o coração e com as mãos. Devemos aprender a pensar o que sentimos e fazemos, a sentir o que fazemos e pensamos, a fazer o que sentimos e pensamos. Isto é educação: a tripla linguagem!" (Francisco, 2024).

O projeto *Ler no Direito* nasceu em 2018, foi idealizado por nós, no curso de Direito PUC Minas São Gabriel, e permanece em desenvolvimento até o presente momento. No primeiro semestre de 2025, o trabalho proposto consistiu na leitura e no diálogo com a obra de Clarice Lispector *A Hora da Estrela*, que centra sua narrativa na personagem Macabéa – uma jovem nordestina de origem humilde que migra para o Rio de Janeiro em busca de trabalho como datilógrafa. Ela tem uma rotina simples e repetitiva, marcada pela exclusão social e pela falta de consciência crítica, cuja personalidade revela certa ingenuidade e resignação diante da própria condição, que aceita como algo natural, sem refletir sobre o sofrimento que a cerca, e sua principal janela para o mundo é o rádio-relógio, de onde escuta notícias que, na maioria das vezes, não consegue compreender plenamente.

A escolha da obra sintoniza com as três linguagens destacadas por Francisco, especialmente no que se refere às possibilidades de conceber atividades avaliativas que mobilizassem os estudantes. Como afirma Francisco (2024):

> A educação não é uma atividade que termina quando saímos das salas de aula ou de uma biblioteca: a educação continua na vida, continua nos encontros e nos caminhos que percorremos todos os dias. Escutar o outro, refletir sobre o diálogo, este é o caminho da educação!

Nas disciplinas de Filosofia, antropologia e ética, Teorias da justiça, Hermenêutica, argumentação jurídica e lógica, sob minha responsabilidade, a atividade avaliativa consistiu na escrita de uma carta para Clarice Lispector a respeito da personagem Macabéa – e do quanto ela tocou os estudantes.

O resultado foi surpreendente: os estudantes estabeleceram relações entre a história da personagem e o acesso (ou a falta dele) aos direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros. Trouxeram, assim, sua sensibilidade, fazendo emergir as três linguagens propostas por Francisco como modo de aprender a ler o dizer do outro. Recordo-me de

uma conversa que tive com Raquel, no corredor, a respeito dessa atividade e o que sua carta a Clarice havia me causado:

— Raquel, quanta emoção ao ler sua carta para Clarice!

Fico profundamente feliz em ver uma estudante de Direito tão comprometida e engajada com o Projeto *Ler no Direito*. A literatura tem esse poder – ela nos retira da dureza do real e nos conduz por caminhos mais humanos, mais sensíveis, devolvendo-nos ao viver com mais sentido.

A delicadeza da sua escrita, o cuidado com as palavras e o uso do gênero carta me dizem – e me reafirmam – que a vida vale a pena. Eu, como professor de Filosofia, sigo aqui, tentando resistir à tentação de dar um tom demasiadamente racional, mas sua carta me comoveu e me lembra da importância de sentir, de deixar-se afetar.

Obrigado por essa partilha tão bonita, ainda estou aqui! Resistindo!

Após esse diálogo, surgiu a ideia de registrar todo o processo de escrita das cartas para Clarice sobre Macabéa e convidar diversos atores sociais da universidade – e de fora dela – para replicar a experiência, à maneira de Bakhtin (2011), quando destaca uma característica particular dos gêneros do discurso (orais e escritos) que considero fundamental para a análise dos dados: a heterogeneidade.

Essa heterogeneidade, segundo Bakhtin (2011) está relacionada ao tema, à situação e à composição dos participantes do discurso, incluindo os diálogos de réplica ligados ao cotidiano, que desempenham um papel essencial na compreensão dos gêneros discursivos, tais como: os relatos do dia a dia, a carta, o comando militar lacônico (ordem desdobrada e detalhada), os documentos oficiais, as manifestações publicitárias, as formas de expressão científica e todos os gêneros literários – do provérbio ao romance.

O efeito de réplica ganhou corpo, e as cartas chegaram a outros lugares: Ceará, Piauí, Paraná – como em Jacarezinho – São Paulo, nas Minas Gerais, em cidades como Belo Horizonte, Santa Luzia, Ouro Branco e outras. Essas cartas expressam o movimento de um território a outro, simbolizando a circulação do conhecimento, das experiências e das sensibilidades produzidas no encontro entre diferentes sujeitos sociais: professores da educação básica, do ensino superior, doutores, mestres, estudantes de doutorado, de graduação e de ensino médio.

Um interessante movimento de réplica nas devolutivas de alguns interlocutores aos estudantes do curso de Direito foi percebido por nós: em certos casos, adotaram um posicionamento discursivo singular: construção de um modo de escrever/dizer a partir do lugar de Clarice Lispector, como se assumissem a voz da autora para dialogar com as cartas escritas pelos discentes. Outros, por sua vez, preferiram responder como estudantes que conversavam com a escritora de *A Hora da Estrela*, mantendo-se também nesse lugar enunciativo-discursivo, como um segundo-estudante, a voz-outra. Esses gestos advindos do escrever/dizer desses interlocutores podem anunciar que, no processo interpretativo, o

sentido não se esgota na intenção inicial. Ao contrário, revela-se a abertura para outras possibilidades de leitura, nas quais a posição de quem diz e de quem escuta desloca e reinventa a própria cena interpretativa, ou seja, o sentido sempre pode ser outro.

Assim, temos nesta obra cartas que nasceram em sala de aula, em uma experiência de avaliação, e se transformaram em mensagens que revelam, a seus portadores e interlocutores, territórios de vida. Elas seguiram caminhos que as levaram a outros espaços, carregando as marcas de seus lugares de origem e se transformando ao chegar a novos destinos, onde continuam a provocar diálogo e reflexão.

É isso que denominamos extensão – estender o conhecimento, atravessar as fronteiras da universidade, estar em saída. É no contato com as perguntas vivas do mundo que o conhecimento se multiplica. E é assim que o encontro entre o Direito e a Literatura, quando caminha pelas ruas, torna-se capaz de transformar não somente quem o pratica, e também o entorno, fazendo ecoar a voz do poeta que nos lembra: "Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos" (Melo Neto, 2008).



Ilustração: Matheus Lopes

Belo Horizonte, 10 de novembro de 2025.

Robson Figueiredo Brito
Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Filosofia. Coordenador do projeto Ler no Direito (2018-2023). Coordenador do Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização da Pró-Reitoria de Extensão (LEPPPAI) – PROEX - PUC Minas.

PREFÁCIO

Há uma força na existência que insiste em se revelar — mesmo quando tentamos ignorá-la. No fundo, o que buscamos é coragem para viver. E essa coragem nasce do pensar.

É nesse terreno fértil da dúvida que surge o movimento cartesiano: “Penso, logo existo”. Mas o pensamento não se encerra; ele se reinventa, alimentado por novas perguntas.

E que bom que a pergunta nunca cessa!

Este livro, *Vozes de Macabéa: entre Letras e Justiça*, é um convite para dançar entre dois mundos: o rigor do Direito e a sensibilidade da Literatura. Ele nos provoca a questionar: O que significa ser humano?

Clarice Lispector, com sua Macabéa — a moça que não sabia que era — nos oferece uma lente dolorosa. A inocência que protege é a mesma que condena. Sua invisibilidade revela uma verdade incômoda: a justiça, tantas vezes, é apenas um conceito abstrato.

Ao ler as cartas destes estudantes e atores sociais, sentimos a alegria de quem alcança o topo da montanha após uma longa escalada. É o salto de consciência, o prazer da descoberta.

Essas vozes nos lembram: a dignidade é violada quando a ignorância sobre os próprios direitos se torna a pena mais cruel. E as réplicas dos leitores mostram que a invisibilidade de Macabéa é também a armadura que a sociedade veste para não sofrer.

No encontro dessas reflexões, compreendemos: o Direito, para ser antídoto da exclusão, precisa desaprender sua rigidez e aprender a chorar. Precisa abraçar a humanidade frágil e silenciosa.

Transgredir conceitos é o único caminho para transformar o sistema jurídico em algo que não apenas se aplica, mas se sente. É trocar a lente: escolher sabedoria em vez de raiva, delicadeza em vez de arrogância.

Este livro não traz respostas prontas. Ele celebra o ato de perguntar. Porque existir é isso: cair, levantar, mudar — e descobrir que até a cicatriz do tombo valeu a pena.

Este é um convite: leia, questione, transforme.

Belo Horizonte, dezembro de 2025

Profa. Dra. Maria Emília Naves Nunes
Graduada em Comunicação Social. Bacharel, mestre e doutora em Direito. Professora e coordenadora do curso de Direito na PUC Minas São Gabriel.

O PROJETO DAS CARTAS VOZES DE MACABÉA: ENTRE LETRAS E JUSTIÇA – EXPERIÊNCIAS DO LER NO DIREITO COM CLARICE LISPECTOR - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM FOCO

Robson Figueiredo Brito*

O ponto de partida: o processo de produção da escritura das cartas

O Projeto Ler no Direito, desenvolvido desde 2018 no curso de Direito da PUC Minas – campus São Gabriel, propõe um diálogo interconectado entre literatura e formação jurídica. Isso porque, sob o enquadre discursivo-dialógico, a palavra deve ser compreendida em um sentido mais amplo, não apenas como uma conversação face a face, mas como toda e qualquer forma de comunicação verbal empreendida no mundo humano, incluindo a escrita. Em consonância com o que Volóchinov (2018) argumenta, o diálogo constitui uma forma ativa por meio da qual o sujeito produz e compõe sentidos na e por intermédio da interação discursiva. Nessa perspectiva, esse autor apresenta o livro como um discurso verbal impresso, evidenciando que ele integra e desempenha função essencial na comunicação discursiva.

Volóchinov (2018) observa que o livro é feito para ser discutido, criticado e apreendido no campo do discurso interior, estando sempre orientado por intervenções anteriores — sejam elas dos próprios autores, sejam de outros interlocutores. O discurso escrito, portanto, resulta de uma ampla discussão ideológica, capaz de confirmar, antecipar ou refutar ideias. Assim, é preciso destacar que o autor explicita um aspecto central da comunicação discursiva: sua relação intrínseca com a situação concreta. Ela está necessariamente vinculada à vida cotidiana, à literatura, à política e, por fim, ao conhecimento. Vale assinalar que essa comunicação sociodiscursiva não pode ser explicada ou compreendida fora desse contexto e dessas relações.

A cada semestre, uma obra literária é tema de atividades distintas em cada disciplina do curso, até o 8º período. Isso quer dizer que, ao completar o curso de Direito, os alunos leem pelo menos oito livros de literatura e têm a oportunidade de reflexões em diferentes nuances dos temas nas entrelinhas das tramas [das histórias] dos livros e as disciplinas da sala de aula.

No primeiro semestre de 2025, o livro escolhido foi *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Convidei meus alunos das unidades curriculares de Filosofia, antropologia e ética, Teorias da Justiça, Hermenêutica: argumentação e lógica a refletirem sobre

* Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Filosofia. Coordenador do projeto Ler no Direito (2018-2023). Coordenador do Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização da Pró-Reitoria de Extensão (LEPPPAI) – PROEX - PUC Minas.

questões humanas, sociais e éticas, escrevendo cartas à autora sobre a personagem central, Macabéa.

Esse movimento da escrita que começou dentro da universidade, estende-se para além de seus limites institucionais. Agora, alcança outros leitores e leitoras de diferentes idades e experiências, em um processo que caracteriza a extensão universitária: sair de si, abrir-se ao diálogo entre saberes e realidades, transformando a leitura em experiência compartilhada.

Sendo assim, a prática é também pesquisa: fazer perguntas, levantar hipóteses, comparar experiências, interpretar sinais, sondar afinidades, compreender contextos e transformar sentidos. Investigar assim exige razão, sensibilidade, atenção e presença, reconhecendo que todo conhecimento nasce de uma pergunta viva e honesta diante do mundo.

É nesse contato com as perguntas que o saber se multiplica, e que a filosofia e a literatura, caminhando pelas ruas e atravessando experiências diversas, tornam-se capazes de transformar não apenas quem as pratica, mas todo o entorno, fornecendo aos leitores as bases intelectuais, emocionais e sociointeracionais necessárias para enfrentarem todas as adversidades com serenidade, sabedoria e respeito ao próximo uma vez que nos ancoramos em um pressuposto que evidencia a intenção discursiva do falante:

> [...] em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras da ciência ou de literatura – [...] sentimos a intenção discursiva ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e suas fronteiras." E, mais: a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero discursivo (Bakhtin, 2011, p. 281).

Este *e-book* reúne cartas, reflexões, respostas e ilustrações de leitores e leitoras externos, criando um diálogo intergeracional e intercultural que valoriza a experiência da leitura e a potência transformadora da extensão universitária.

Proposta de trabalho da 1ª. etapa - 1º. semestre de 2025

Prezados (as) estudantes,

Como parte do Projeto Ler no Direito, proponho a vocês a redação de uma carta endereçada à escritora Clarice Lispector, a partir da leitura do romance *A Hora da Estrela*.

A carta deve partir da seguinte passagem da obra:

"Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava" (Lispector, 2017, p. 36).

Com base nesse trecho, escrevam uma carta reflexiva e pessoal, em que vocês se dirigem à autora para compartilhar como a leitura da obra despertou em vocês duas questões fundamentais sobre o que significa ser humano no mundo. Essas questões devem surgir a partir de suas experiências enquanto estudantes de Direito, buscando relacionar o conteúdo do livro à ideia de dignidade, invisibilidade social, acesso à justiça, identidade, e ou uma reflexão que envolva ética, humanidade e o lugar do Direito na vida das pessoas.

A carta deve ser escrita com linguagem respeitosa, sensível e crítica, priorizando a clareza, a coesão e a argumentação. É importante que o texto mantenha o tom pessoal e subjetivo característico do gênero carta, evitando resumos do livro e focando nos sentimentos, perguntas e ideias que a leitura despertou em vocês.

Orientações formais:

a) Extensão: entre 20 e 30 linhas;
b) Gênero: carta pessoal/reflexiva;
c) Destinatária: Clarice Lispector;
d) Assinatura: com seu nome, seguido da menção "Estudante de Direito – Projeto Ler no Direito";
e) A carta deverá ser feita em dupla.

Proposta de continuidade da escrita da resposta – 2ª etapa – 2º. semestre 2025

Prezados (as) leitores (as),

Dando sequência ao Projeto *Ler no Direito*, convidamos homens e mulheres de diferentes idades e experiências a se engajarem em um exercício de leitura e escrita inspirado nas cartas produzidas pelos estudantes de Direito. O objetivo é que cada novo participante tenha ciência do contexto das cartas originais, lendo atentamente os textos produzidos pelos estudantes, e responda a elas a partir de suas próprias percepções e sensações.

A atividade consiste em escrever uma nova carta, mantendo o diálogo com a proposta inicial, na qual vocês deverão:

1. Apresentar-se aos estudantes, indicando nome, idade ou referência à experiência de vida, para que os estudantes conheçam o perfil do leitor.
2. Compartilhar como perceberam, sentiram e refletiram sobre a leitura da carta recebida, destacando impressões, emoções, questionamentos e possíveis conexões com a própria experiência de vida ou com a realidade social.
3. Desenvolver a continuidade da reflexão proposta inicialmente, aprofundando a discussão sobre humanidade, dignidade, identidade, ética, (empatia), injustiças sociais ou qualquer outra questão que a leitura tenha despertado.

4. Foque na inocência e na falta de autoconsciência da personagem, pois uma das chaves para entender a protagonista, Macabéa, é a sua falta de consciência sobre si mesma. É como se ela estivesse em um estado de ser puro, sem as complexidades e o sofrimento que a autoconsciência muitas vezes traz. Pode-se sugerir ao leitor que a ausência de dor de Macabéa não é resultado de alegria, mas sim da sua inocência. Ela não se sente infeliz porque não tem o referencial para ser feliz ou infeliz.
5. Compare a personagem com o narrador, pois a dualidade entre o narrador, Rodrigo S.M., e Macabéa é um dos pontos centrais do livro. O narrador é hiper consciente, intelectual e atormentado pela sua própria existência. Macabéa, por outro lado, é um ser de ação, que simplesmente existe. Pode-se também sugerir que a diferença entre os dois personagens serve para questionar o valor da consciência.
6. Discuta a questão da existência e do propósito, pois o trecho supracitado fala sobre a personagem *querer viver* sem saber "para quê". Essa é uma questão existencial que ressoa em todos nós. Convide o leitor a refletir sobre como Clarice nos mostra que a busca por um propósito é uma construção intelectual. A falta de propósito de Macabéa não a torna menos humana. Pelo contrário, a torna um símbolo de vida pura que nasce e cresce sem ter plena consciência de si.

Orientações formais:

a) Extensão: entre 20 e 30 linhas;
b) Gênero: carta pessoal/reflexiva;
c) Destinatário: os estudantes de Direito autores da carta original;
d) Linguagem: respeitosa, sensível e crítica, com clareza e coesão;
e) Assinatura: nome completo seguido de uma breve referência à experiência de vida ou profissão.

Essa continuidade pretende criar um diálogo intergeracional e intercultural, ampliando as perspectivas sobre os temas explorados no romance *A Hora da Estrela* e fortalecendo o impacto da leitura na formação de reflexão crítica sobre questões humanas e sociais, porque desse modo, o discurso verbal impresso integra uma ampla discussão ideológica: ele responde, refuta ou confirma determinadas posições, antecipa possíveis críticas e réplicas, busca apoio e se articula com diversos outros enunciados como nos lembra Volóchinov (2018).

CARTAS DOS ESTUDANTES DE DIREITO

Carta 01

Cara Clarice,

O mundo sente falta de você. Como está aí? Como está Sabino? E Lygia Fagundes? O vácuo que a senhora deixou em nosso país jamais foi preenchido devidamente, e acredito que jamais o será. Porém, existem vários jovens que buscam as suas palavras como alguém que está sufocando a busca por ar. De forma quase violenta, nos parece que as suas obras geram as respostas para todas as perguntas que assombram a luz da criação, ao mesmo tempo que iniciamos um processo de indagação profunda e, mais que isso, questionamento.

Nos parece curioso essa dinâmica, principalmente na sua obra mais famosa, *A Hora da Estrela*. Durante a leitura, existe uma sensação de que a narrativa nos tira uma venda dos olhos e nos coloca sobre uma perspectiva geralmente ignorada, como de Macabéa. Apesar do livro iniciar um profundo processo de crítica na cabeça de nós, os leitores, nos parece que o mesmo não ocorre com a protagonista. A nossa nova visão de mundo questionadora depende necessariamente da condição alienada e ignorante de Macabéa. Somos estudantes de Direito, e por isso é impossível não nos questionarmos se isso é justo. A Constituição de 1988 estabelece os direitos de dignidade humana e de igualdade, conceitos esses que imaginamos que a senhora já tem conhecimento, tendo em vista que também fez o mesmo curso que estamos realizando (apesar de sequer ter, de forma brilhante, ido à formatura). Se assim é previsto no documento-mor da sua nação do coração, é interessante pensar como a vida de Macabéa, que é uma representante de um grupo colossal de pessoas, coloca todos esses conceitos em risco, como se não passassem justamente de meros conceitos abstratos que, subjetiva ou deliberadamente, funciona para uma minoria e não para uma maioria.

Uma mulher que reúne condições de marginalização e invisibilidade em sua figura. Macabéa é nordestina, pobre e mulher ou a mulher nordestina e pobre é Macabéa? As suas condições invisibilizam tanto a sua personalidade que a personagem se torna apenas mais uma, e ela não parece maior do que o contexto socioeconômico e cultural que a engolem como uma segunda pele. O Estado e a mídia, se retratassem a sua morte, mencionariam primeiro suas circunstâncias do que seu nome. Até mesmo seu direito à própria voz é minado, afinal é um homem que narra sua história. Como em toda história, aquele que conta os fatos afeta diretamente o enfoque narrativo, e nós gostaríamos de pensar em como seria *A Hora da Estrela* se o astro luz chamado Macabéa tivesse direito a sua vida.

Gostaríamos de agradecer a senhora por ter permitido com que tivéssemos acesso aos seus pensamentos, e por ter tido a coragem de publicar esse tipo de obra. Nunca houve e nunca haverá alguém como você. Em um dos seus textos sobre Justiça, a senhora disse

que acha certo roubar para comer, e todas nós pensamos nisso diariamente. Assim como a senhora escreveu que a justiça vela o seu sono, e que ela é repudiada por justamente precisarmos dela de forma humilhante, *A Hora da Estrela* é o reflexo disso. Espero que você saiba, Clarice, que seus fantasmas foram transmitidos e assombram a todas nós de forma especial graças ao mero contato com tudo aquilo que a sua pena tocou. Sentimos tremendamente a sua falta.

Com carinho e admiração,

Ana Clara Viana Rodrigues,
Luma Xavier Gabrich Siqueira e
Sarah Martins Gomes

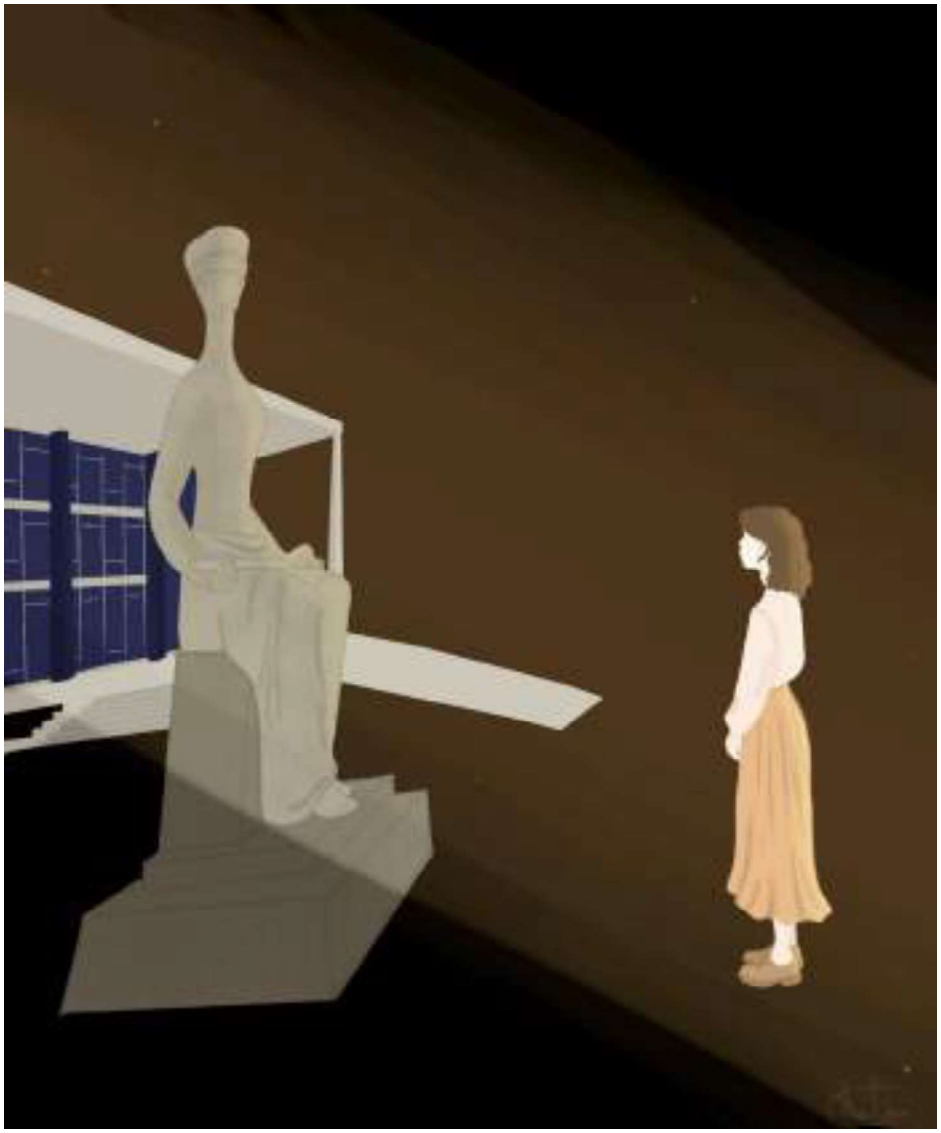


Ilustração: Ana Clara Viana Rodrigues

Carta 02

Querida Clarice,

Decidimos escrever essa carta depois de ler *A Hora da Estrela* e ficarmos pensando muito na Macabéa. Somos estudantes de Direito e, lendo a história dela, não dá pra ignorar o quanto a vida dela fala sobre desigualdade, invisibilidade e sobre um tipo de morte que acontece muito antes da real.

A Macabéa é uma daquelas pessoas que passam pela vida sem que ninguém repare. Ela saiu do sertão cheia de nada, foi pro Rio achando que ia encontrar alguma coisa, talvez até uma estrela, mas o que encontrou foi mais silêncio, mais desprezo e mais solidão. Percebemos que ela foi apagando aos poucos. Foi morrendo por dentro antes de morrer de fato, pois foi deixando de ser quem era, "abandonando" a Macabéa, para tentar caber em um lugar que nunca foi feito pra ela.

E isso impacta a gente, porque no Direito a gente fala muito sobre dignidade, igualdade, direitos... Mas e quando a pessoa nem sabe que pode ter isso tudo? A Macabéa aceitava tudo calada, sem questionar. Ela acreditava que não valia muito e que os outros sabiam mais do que ela. Isso não é só ficção. Isso acontece todo dia. Pessoas que nem têm chance de descobrir quem são porque a sociedade já decidiu por elas.

Clarice, sua escrita abriu nossos olhos, mostrou que existe uma morte que não sai no jornal: a de quem vive sendo ignorado, tratado como um nada.

A Macabéa queria ser estrela, mas nunca deixaram ela brilhar. Obrigado por dar voz a quem nunca teve. Nós, como futuros profissionais do Direito, levamos essa lição com a gente.

Com carinho,

João, Caio e Gabriel

Carta 03

Belo Horizonte, 18 de junho de 2025
Querida Clarice,

Terminamos de ler *A Hora da Estrela* e sentimos que precisávamos te escrever, como quem desabafa com alguém que nos revelou algo profundo demais para guardar em silêncio. Somos estudantes de Direito e enquanto mergulhamos em teorias sobre justiça, cidadania e dignidade, nos deparamos com Macabéa. E com ela, tudo em nós estremeceu.

Macabéa é descrita como "tão quieta que parecia escutar o próprio corpo", e talvez esse silêncio dela tenha gritado mais alto do que qualquer discurso. Sua existência nos confrontou. Ela não é personagem de tribunal, de artigo acadêmico, nem de protesto. É uma moça que passa despercebida, como tantas que conhecemos ou cruzamos na rua sem perceber. E justamente por isso, ela fere.

Você escreveu que "a moça não sabia que estava vivendo de modo errado", e isso nos desestabilizou. Porque, para nós, que estudamos Direito, isso significa que Macabéa foi privada até mesmo do saber que gera a indignação. Como exigir justiça se nem ao menos se sabe que se tem direito a ela? Como esperar algo de um mundo que nunca prometeu nada?

Ela é a ausência daquilo que o Direito insiste em chamar de garantido. Macabéa não vive, ela se permite existir de forma quase passiva, como "quem nasce para não ser". Ela não levanta a voz, não sonha grande, não ocupa espaço. E talvez por isso mesmo tenha sido esmagada sem que ninguém percebesse. Ou pior, sem que ninguém se importasse.

Clarice, sua narrativa nos mostrou que a miséria de Macabéa é mais do que material. É uma miséria de reconhecimento, de sentido, de lugar no mundo. Quando você diz que "ela era incompetente para a vida", sentimos um soco. Porque talvez o mundo é que tenha sido incompetente para acolhê-la.

Acreditamos que justiça, no fundo, deveria significar não deixar ninguém como Macabéa ser esquecida. Que o Direito, mais do que sistema, precisa ser sensível à dor que não grita. À fome que não se vê. Às vidas que não ocupam manchetes, nem discursos, nem decisões judiciais. Você nos fez ver que, se não olharmos para essas pessoas, o Direito seguirá sendo um campo de palavras bonitas e realidades vazias.

Obrigada por ter nos ferido com beleza. Sua obra nos fez desejar um mundo em que ninguém seja invisível.

Com admiração e carinho,

Ester Meira e Jullie Beatriz

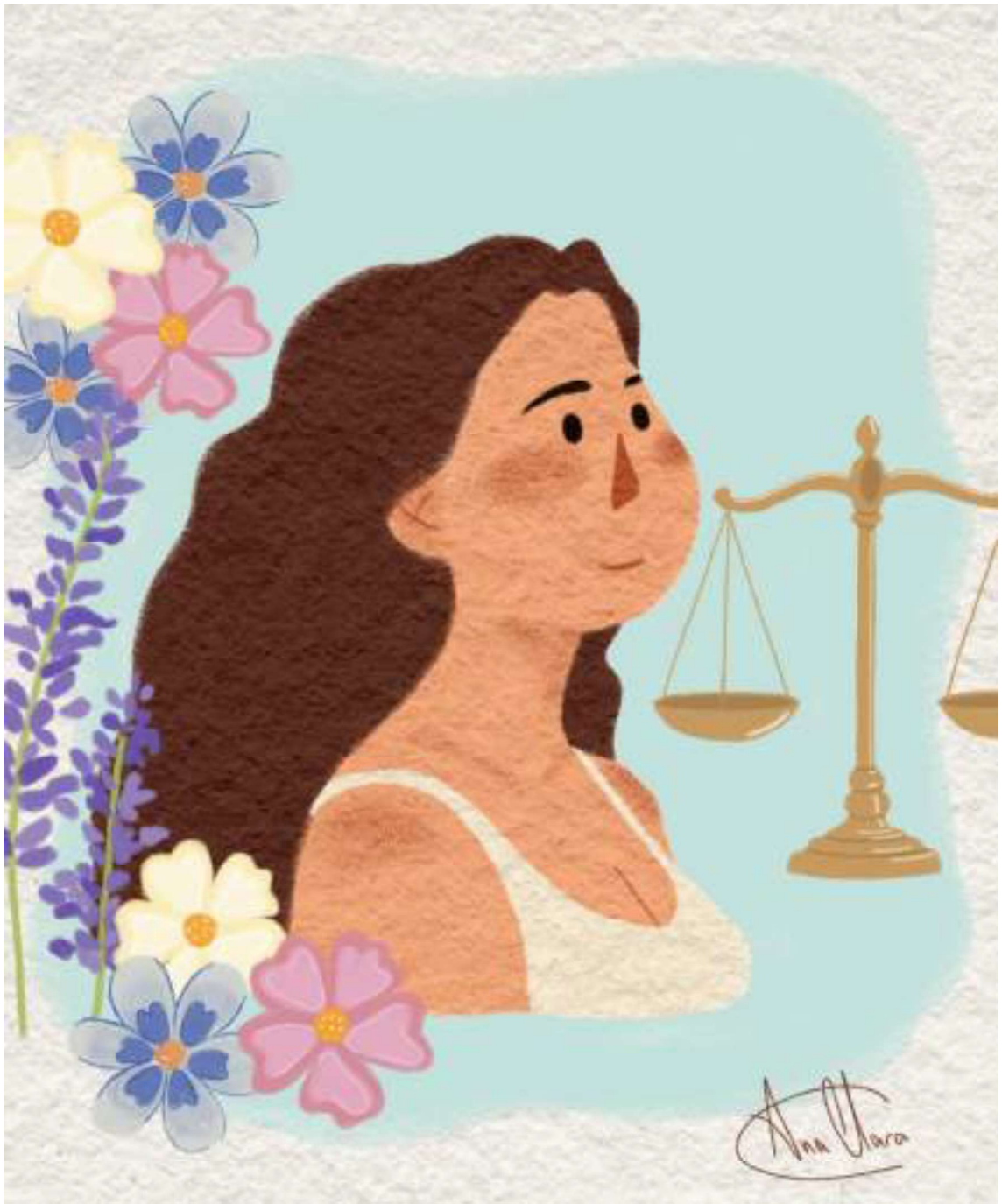


Ilustração: Ana Clara Viana Rodrigues

Carta 04

Clarice Lispector,

Escrevemos-lhe como estudantes de Direito que, ao lerem *A Hora da Estrela*, não puderam evitar um sentimento de incômodo, indignação e profunda reflexão. A personagem Macabéa, nascida no sertão nordestino, órfã e criada por sua tia, representa não apenas uma mulher invisível diante da sociedade, mas também um símbolo vivo das falhas do nosso sistema jurídico na garantia da dignidade da pessoa humana.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Macabéa vive de forma automatizada, alheia a um futuro que nunca ousou imaginar. Sua ingenuidade e sua submissão revelam o quanto a ausência de oportunidades e de acolhimento podem silenciar não apenas vozes, mas existências inteiras. Sua trajetória nos fez encarar de forma nua e crua a realidade daqueles que, apesar de serem sujeitos de direitos, continuam à margem, esquecidos pelas promessas constitucionais de igualdade e justiça.

A frase do narrador que afirma que "a pobreza é feia e promíscua" ecoa em nossa leitura como uma denúncia da estética da exclusão social. É o Direito, com todos os seus princípios fundamentais, que deveria resgatar da invisibilidade das pessoas como Macabéa, mas falha. A dignidade da pessoa humana, princípio basilar do ordenamento jurídico brasileiro, é constantemente violada em sua vida. Ela é ignorada, humilhada e explorada, tanto em seu ambiente de trabalho quanto em suas relações pessoais.

Mais doloroso ainda é ver como Macabéa age sempre com boa-fé, mesmo quando traída, enganada e desrespeitada. A ausência da boa-fé objetiva por parte daqueles com quem ela convive só reforça o abismo entre a teoria e a prática do Direito. O que está positivado nas leis, como a dignidade, a solidariedade, a igualdade e o respeito mútuo, muitas vezes se dissocia da vida real, especialmente para aqueles em situação de extrema vulnerabilidade.

Sua escrita nos desafiou, Clarice. Ela exige mais do que sensibilidade: exige responsabilidade.

Entendemos que, como operadores do Direito em formação, é nosso papel não apenas conhecer os princípios legais, mas também lutar para que eles se tornem eficazes na vida de todos, especialmente dos mais esquecidos.

Com carinho,

Fernanda Matos e Thaís Santos
Estudantes de Direito

Carta 05

Belo Horizonte, 18 de junho de 2025
Querida Clarice Lispector,

Escrevemos a você do lugar de quem estuda as leis, e que, entre artigos, doutrinas e promessas de igualdade formal, foi abruptamente atravessada por algo que nenhuma norma escrita alcança: a dor muda da existência de Macabéa.

Sua obra, Clarice, nos confrontou como poucas. Somos Gabriella Liz e Letícia Diniz, estudantes de Direito, e ao ler *A Hora da Estrela*, algo em nós estalou. Foi como se a leitura nos obrigasse a tirar os olhos do papel timbrado da Justiça para encarar o que há por trás da letra fria da lei: gente. Macabéa nos ensinou mais sobre desigualdade do que muitos artigos constitucionais. Ela não é só pobre, ela é esquecida, apagada, não sabe que pode querer, não sabe que pode ser. Vive em silêncio, e talvez o mais cruel: sem sequer a consciência de que tem direitos. Seu crime? Existir à margem. Sua pena? A apatia do mundo.

Clarice, você escreveu com sangue e silêncio. E nós lemos com dor e lucidez. Percebemos, entre as entrelinhas do narrador e os silêncios de Macabéa, que há violências que o Direito não sabe nomear, porque são estruturais, diárias, e tão normalizadas que sequer causam espanto. Na faculdade, aprendemos que todos são iguais perante a lei. Mas com você, aprendemos que essa igualdade é uma promessa muitas vezes vazia para quem sequer se sente gente. A Justiça, que deveria ser o antídoto da exclusão, tantas vezes é cúmplice dela. Macabéa não infringe a lei, mas é punida pela vida. Ela não grita, mas sua dor, silenciosa, ecoa fundo.

E foi nesse eco que nos encontramos. Como futuras juristas, sua escrita nos ensinou que o Direito precisa de mais escuta. Que não basta aplicar a norma, é preciso enxergar quem está diante dela. Ou, como no caso de Macabéa, quem nunca esteve diante de nada, porque nunca teve lugar.

Obrigada por nos ensinar que o silêncio também acusa. Que a ausência de desejo também é um tipo de opressão. E que a Justiça, a verdadeira, talvez comece quando aprendemos a ouvir vozes como a de Macabéa. Mesmo que elas nunca tenham aprendido a falar.

Com respeito, inquietação e gratidão, Gabriella Liz e Letícia Diniz



Ilustração: Júlia Rolim Tavares

Carta 06

Belo Horizonte, 17 de junho 2025
Prezada Clarice Lispector,

Nós, estudantes de Direito, queremos dizer o quanto admiramos sua obra *A Hora da Estrela* e contar como a história de Macabéa nos tocou e fez pensar sobre a vida das pessoas e a justiça social.

Ao acompanhar a vida de Macabéa, uma jovem nordestina que veio para o Rio de Janeiro tentando uma vida melhor, vimos como é difícil para quem vive à margem da sociedade. Ela é invisível para muitos, sem voz e com condições muito difíceis. Isso nos fez refletir sobre os direitos básicos que muitas pessoas vulneráveis não têm garantidos.

Estudando Direito, entendemos melhor a trajetória de Macabéa e as desigualdades sociais que ela enfrenta, além da falta de proteção jurídica para quem é pobre e migrante. Ela representa muitas pessoas que têm seus direitos negados, como o direito à dignidade, ao trabalho decente e à proteção social.

A história dela mostra a importância de políticas públicas que ajudem a incluir essas pessoas na sociedade, oferecendo acesso à educação, cultura e direitos sociais. Macabéa é um exemplo da injustiça social que existe em um país com tanta desigualdade e exclusão.

Você nos mostrou nitidamente em *A Hora da Estrela*, que a justiça social está ligada a garantir dignidade, direitos humanos, igualdade e combater a exclusão das pessoas mais vulneráveis, como Macabéa e como toda essa omissão ficou evidenciada em sua obra. Também, Clarice, você nos fez pensar sobre o papel do Estado e da sociedade em garantir educação, trabalho e cidadania para todos.

O fato de Macabéa conseguir um emprego como datilógrafa é uma pequena vitória, pois o trabalho é fundamental para superar a pobreza. Ela também representa a marginalização e a falta de voz de muitas mulheres pobres e migrantes.

Sabe Clarice, em certo momento da obra tivemos uma certa raiva da história por ver tamanha desigualdade e chegamos a acreditar e também a desejar, que a protagonista tivesse um final feliz, mas você, com sua enorme competência preferiu aquele desfecho pois assim você mais uma vez nos mostrou o que é o não ter vez nem voz, portanto você não permitiu Macabéa gritar.

Por fim, a leitura do Direito nos ajudou a ver que a história de Macabéa não é só dela, mas um símbolo dos problemas sociais que o Direito precisa enfrentar para ajudar a transformar a sociedade.

Agradecemos por sua escrita sensível, que nos faz olhar além das aparências e entender a vida das pessoas. A história de Macabéa nos convida a ter empatia e a pensar

em como, como futuros juristas, podemos ajudar a construir um mundo mais justo e acolhedor.

Atenciosamente,

João Gabriel Coelho Correa
Maria Aparecida Coelho Gomes
Welbert Antônio Aquino
Estudantes de Direito – Projeto Ler no Direito



Ilustração: Júlia Rolim Tavares

Carta 07

Prezada, Clarice Lispector,

Escrevemos à senhora com o respeito de quem identificou em sua obra profundas reflexões sobre a realidade dos indivíduos marginalizados e vulneráveis na sociedade brasileira, feitas por meio de uma jovem nordestina que vive à margem da sociedade urbana carioca. Como estudantes do terceiro período de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), encontramos em *A Hora da Estrela* um vasto campo de questões a serem levantadas questionando a efetividade do Direito na proteção dos mais vulneráveis.

Inicialmente, escolhemos por analisar a origem do nome da protagonista, Macabéa, remete ao povo de Macabeus, um exército que guerreou pela preservação da sua identidade cultural contra a ocupação grega, se tornando símbolos de resistência e dignidade diante da opressão. De maneira contrária, como a senhora bem demonstra, Macabéa não tem consciência suficiente para resistir ou mesmo para compreender a violência que a cerca.

Em segundo plano, observamos a maneira como construiu o relacionamento entre Macabéa e Olímpico de Jesus, revelando a latente violência psicológica realizada por Olímpico contra a protagonista. A prática manifesta-se de diversas formas ao longo do conturbado relacionamento. A maneira como ele zomba do seu conhecimento e a faz sentir-se inadequada e inferior, negando responder seus questionamentos.

A Lei Maria da Penha, no seu artigo 7º, inciso II, tipificou a violência psicológica como uma das formas de violência doméstica, a definindo como qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição da autoestima, porquanto o relacionamento entre Macabéa e Olímpico representa, com exatidão, a violência prevista no referido artigo. Embora a legislação seja posterior à obra, a relação entre o casal ainda é comumente percebida na atualidade.

Além disso, a trajetória de Macabéa também nos permite refletir sobre a ausência de políticas públicas efetivas para garantir os direitos fundamentais previstos na Constituição de 1988, como saúde, educação, trabalho e dignidade. Mesmo antes da promulgação da Constituição, a situação de Macabéa já demonstrava o quanto a desigualdade estrutural é antiga e enraizada no Brasil. O acesso limitado à saúde, evidenciado quando Macabéa adoeceu sem perceber os sintomas e sem ter meios para buscar atendimento médico adequado, nos remete à discussão sobre a efetividade do Sistema Único de Saúde (SUS) e ao princípio da universalidade da saúde pública, hoje previsto no artigo 196 da Constituição Federal. Macabéa é vítima de invisibilidade social, no qual o Estado pouco ou nada faz para garantir sua proteção.

Desse modo, não podemos deixar de mencionar o papel do narrador na construção da história. A narrativa de Rodrigo S.M., que oscila entre o distanciamento e a compaixão, reforça a desumanização que muitas vezes cai sobre os mais pobres. É como se o narrador representasse também o olhar de uma sociedade omissa, que observa, mas não intervém. Essas reflexões, como futuros operadores do Direito, reforçam nossa responsabilidade ética e social. Não basta apenas observar a injustiça, é preciso agir para transformá-la.

Assim, agradecemos a oportunidade de, por meio de sua obra, desenvolvermos uma visão mais crítica e sensível às desigualdades sociais, nos preparando não apenas como profissionais do Direito, mas como agentes de transformação social.

Atenciosamente,

Larissa Fernandes Rodrigues e Vitória Maria Paz Abreu Alves

Estudantes do 3º período de Direito – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Carta 08

Clarice Lispector,

Escrevo-lhe com admiração profunda e um coração inquieto após a leitura de *A Hora da Estrela*. Como estudante de Direito, habituado a buscar justiça nas linhas da lei, vi-me desarmado diante da existência de Macabéa — personagem que, em sua insignificância social e emocional, grita silenciosamente por um tipo de justiça que o Direito, por si só, não alcança.

A inspiração do nome parece aludir à saga da família de seus antepassados Macabeus, resistência esmagada pela injustiça e opressão dos selêucidas, sob o reinado de Antíoco Epifânio. E Macabéa é igualmente esmagada: não apenas pela pobreza que a envolve, mas pela ausência de consciência crítica sobre si mesma.

Sua trajetória expõe os limites do sistema jurídico ante a condição humana. Que leis poderiam resgatar alguém que sequer sabe que precisa ser salvo? Ela não reivindica nada — nem espaço, nem afeto, nem futuro. Talvez por isso sua morte me fira mais do que muitos casos com que me deparo nos estudos.

Como jurista em formação, sou treinado para enxergar sujeitos de direito; porém Macabéa parece escapar até dessa categoria. Sua marginalização não é apenas econômica: é existencial. Ela não transgride a ordem jurídica, não protesta, não acusa — apenas existe, no silêncio do abandono. E esse silêncio ecoa como o clamor de Abel, rompendo fronteiras e atravessando o tempo em busca de uma justiça real, ainda distante dos tribunais humanos.

Com Macabéa, a senhora me ensinou algo que nenhuma aula de Teoria do Estado ensinaria: há vidas que, aos olhos do mundo, não valeriam ser narradas — e justamente por isso precisam ser contadas. Seu romance é um ato político, um gesto ético, uma denúncia que ultrapassa as instituições.

Saio dessa leitura menos seguro das ferramentas do meu ofício, mas mais consciente da urgência de ampliarmos o conceito de justiça: não apenas a formalizada nos códigos, mas aquela que se manifesta no reconhecimento da humanidade alheia.

Com respeito e gratidão,

Ricardo Mauro de Abreu

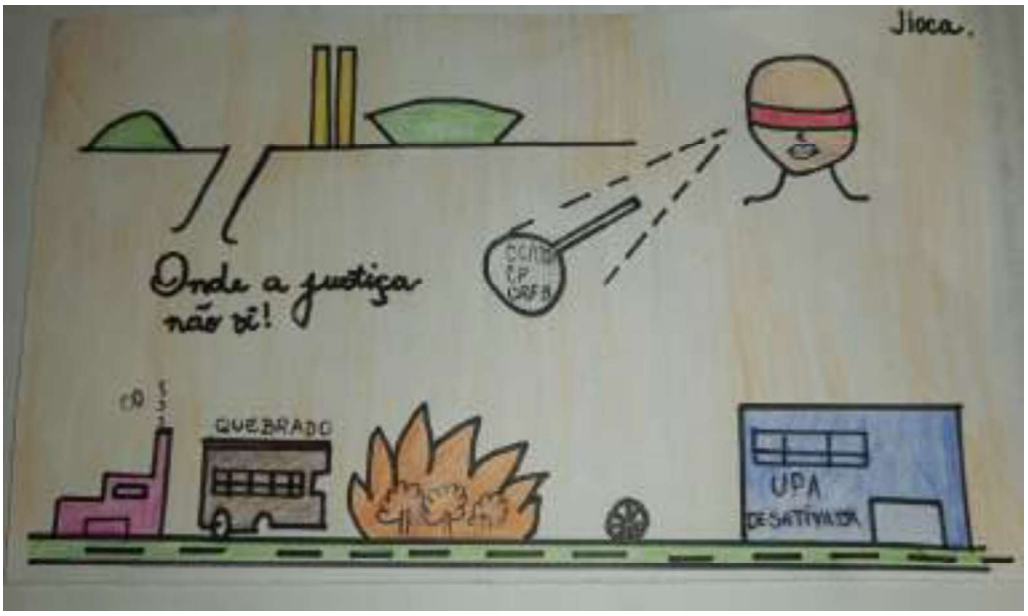


Ilustração: Júlia Isabelle Oliveira do Carmo

Carta 09

Belo Horizonte, 16 de junho de 2025
À estimada escritora Clarice Lispector,

Escrevo-lhe esta carta, a fim de prestigiar sua obra, *A Hora da Estrela*, que provocou diversos pensamentos e reflexões em minha mente. Quando li a passagem "Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava", fui atravessado por uma profunda onda de pensamentos sobre o que é, de fato, ser humano em um mundo que, muitas vezes, nos nega essa própria condição.

Macabéa, tão invisível, sucateada, excluída aos olhos da sociedade, nos leva a questionar como o Direito, área que eu escolhi para trilhar meu caminho, pode ser muitas vezes injusto e compactuar com coisas que vão totalmente contra minha forma de pensar, como esta invisibilidade de Macabéa. De que serve um sistema onde, no papel, tudo são flores (nem tudo) e, na prática, é totalmente desleal ao que foi "prometido"? E mais, de que serve um sistema jurídico que não alcança aqueles que desconhecem seus direitos? Afinal, quantas outras Macabéas perambulam por aí, silenciosas, pelas ruas, sem sequer saber que possuem dignidade, voz e valor?

Clarice, a leitura de seu romance provoca duas grandes questões fundamentais em minha cabeça. A primeira é: de que forma o Direito pode ser usado como um instrumento de transformação, se ele mesmo, muitas vezes, se distancia daqueles que dele necessitam? A segunda: será que nós, enquanto futuros operadores do Direito, seremos capazes de não nos tornarmos cegos diante da dor alheia? Será que poderemos fazer diferente, a ponto de mudar o mundo e fazer com que aquilo que aconteceu com Macabéa não aconteça mais?

Seu texto é como um convite ético, o convite de não aceitarmos o Direito que serve apenas para os que sabem de seus direitos, mas sim buscarmos um Direito que enxergue aqueles que não o enxergam, que reconheça o outro em sua humanidade, mesmo que ele mesmo não acredite que a possui.

Seguirei, com sua escrita ecoando em mim, como um lembrete de que a justiça não é só norma, mas também sensibilidade, escuta e presença.

Com gratidão e respeito,

Arthur Silva de Arruda

Carta 10

Belo Horizonte, 17 de junho de 2025
Querida Clarice Lispector,

Escrevemos profundamente tocadas pela história contada nas páginas de *A Hora da Estrela*. Esta obra nos trouxe reflexões marcantes a respeito das muitas Macabéas que existem em nossa sociedade. Como estudantes de Direito, aprendemos a buscar soluções com base na lei, tentando garantir direitos mínimos, sobretudo aos mais vulneráveis. No entanto, a leitura da sua obra nos revelou que há perguntas que o Direito, sozinho, não consegue responder.

O trecho em que Macabéa é comparada a um cachorro que não sabe que é cachorro — e por isso, não se sente infeliz — nos confrontou com um paradoxo incômodo: talvez sua ignorância seja, ao mesmo tempo, o que a condena à invisibilidade e o que a livra do sofrimento de não alcançar os sonhos inalcançáveis. Sua ingenuidade pode parecer ridícula a alguns, mas talvez seja até invejável para outros que, apesar de saberem tanto, não conseguem lidar com suas frustrações.

Essa reflexão nos fez pensar sobre o que realmente significa ser humano no mundo: é saber quem se é, ou simplesmente viver? A vida, afinal, é mais do que lutar pelo básico. É também criar laços, sair do lugar, se descobrir no outro. A leitura nos ensinou que o Direito precisa ser mais do que técnica. Ele deve ser também ponte para o humano — inclusive para aqueles que, como Macabéa, não sabem que têm esse direito.

Com carinho,

Thawany Ramana e Camila Eduarda



Ilustração: Júlia Isabelle Oliveira do Carmo

Carta 11

O Grito Silencioso de Macabéa: Por Que a Dignidade Humana Ainda É um Privilégio (e o Direito Falha)?

Querida Clarice,

Sua obra nos faz refletir a respeito da própria consciência da existência humana bem como das interações sociais que temos no cotidiano. Ao ler *A Hora da Estrela*, especialmente a passagem em que você afirma que Maca (para os íntimos) "não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro", fui atravessada por uma inquietação profunda sobre o que significa, afinal, ser humano em um mundo que insiste em negar humanidade a tantos.

Como estudante de Direito, segunda graduação, já estando acima dos 40 anos e viajado e residido em várias localidades no Brasil posso afirmar que "dignidade", "justiça" e "igualdade" muitas vezes são só palavras. Isso porque o sistema não garante isso de forma isonômica, como deveria ser. O acesso à justiça e ao que ela proporciona fica restrito a poucas pessoas. A maioria dos que compõe nossa sociedade são tão alienados quanto a própria Maca. Hoje, ainda como estudante, posso perceber o quanto que eu própria era desatenta a muitas situações. Além disso, experiências recentes ainda me permitiram adentrar uma jornada de autoconhecimento e essa autopercepção não é acessível a maioria de nós por estarmos também imersos em uma rotina intensa. Isso se agrava quando analisamos pessoas com menor acesso à informação e capacidade de raciocínio crítico que acabam tendo uma existência apagada, desimportante e oprimida. Como consequência, percebemos que a dignidade humana ainda é um privilégio de poucos.

A primeira pergunta que sua obra me provocou é: de que serve o Direito se ele não alcança quem mais precisa dele? A segunda é ainda mais dolorosa: quantas Macabéas estão por aí, vivendo sem saber quem são, sem sequer a chance de se perguntar por quê? Eu mesma me vi em várias situações e me aproximei muito dela.

Clarice, sua escrita delicada e, ao mesmo tempo, feroz me fez enxergar que o Direito, mais do que um conjunto de normas, deveria ser um instrumento de escuta, de reconhecimento e garantia de isonomia entre as pessoas. Macabéa não sabia seu valor porque ninguém jamais lhe disse que ela tinha algum. Isso não é só um drama literário, é a realidade concreta de milhares que permanecem invisíveis aos olhos do Estado e da sociedade, principalmente a figura feminina que historicamente é subjugada.

Agradeço por me fazer olhar para o Direito com mais humanidade. Sua Maca não é apenas uma personagem, é um espelho que nos obriga a repensar nosso papel como futura operadora do Direito e lutar de forma incessante e contínua pela humanização da

justiça e não perpetuarmos a exclusão. Só assim poderemos crescer enquanto sociedade, enquanto nação e garantirmos um mundo melhor para nossos filhos e FILHAS.

Com admiração e carinho,

Cíntia.



Ilustração: Cíntia Almeida de Souza

Carta 12

Prezada Clarice,

Ao ler o trecho em que a senhora escreve que “essa moça não sabia que ela era o que era...”, fiquei pensando em quantas pessoas vivem assim, sem se reconhecer como sujeitos de direitos.

Sou estudante de Direito e, diariamente, me deparo com discursos sobre justiça, cidadania e dignidade. No entanto, sua personagem tão simples e tão complexa, me fez perceber algo que o meio jurídico não nos ensina: que antes de se falar em justiça, é preciso reconhecer a humanidade do outro. Como lutar por direitos, se a pessoa sequer se percebe como alguém que pode tê-los?

A moça que a senhora descreveu não se sabia “gente”. E isso, Clarice, me fez pensar em quantas vidas passam despercebidas nos processos, nas ruas, nos laudos. Pessoas que não têm voz, porque a sociedade não lhes deu a palavra. É cruel, mas real: muitos vivem sem saber que têm valor.

Sua escrita me despertou duas perguntas profundas: de que serve o Direito, se não alcança quem mais precisa? E como falar em dignidade, quando o mundo ensina tantos a viverem sem sequer se reconhecerem como sujeitos?

Essa reflexão me fez perceber que o maior desafio do Direito não está apenas na letra da lei, mas em como fazê-la chegar àqueles que foram ensinados a se ver como insignificantes. Quantas vezes o sistema jurídico, com sua linguagem complexa e formalidades, acaba reforçando essa invisibilidade em vez de combatê-la?

Agora entendo que, para ser uma boa profissional, preciso ir além dos textos da lei. Preciso aprender a ver as pessoas — especialmente as que o mundo insiste em ignorar.

Agradeço por sua escrita tão verdadeira. Ela me lembra que o Direito só faz sentido se servir às pessoas reais, não só aos artigos dos códigos.

Com admiração,

Kethllem Cristina e Luciana Reis

Carta 13

Belo Horizonte, 10 de junho de 2025
Querida Clarice Lispector,

Ao ler *A Hora da Estrela* e refletir sobre a passagem em que você compara Macabéa à inocência do cachorro que não sabe que é cachorro, senti uma profunda inquietação sobre o que realmente significa ser humano. Sua narrativa despertou em mim duas questões fundamentais, especialmente enquanto estudante de Direito.

Primeiro, pensei na invisibilidade social que assola tantas pessoas como Macabéa — aquelas que vivem à margem, sem voz ou reconhecimento. Essa invisibilidade me fez questionar o papel do Direito: será que ele está verdadeiramente acessível a todos ou apenas aos que já possuem certa visibilidade e poder? A dignidade humana, princípio basilar do Direito, parece ameaçada quando muitos sequer sabem que têm direitos ou como reivindicá-los.

Em segundo lugar, sua obra me levou a refletir sobre a identidade e a ética no exercício da justiça. Se o Direito não reconhece plenamente a humanidade por trás das histórias individuais, corre o risco de reduzir as pessoas a meros números ou casos. Assim como Macabéa não se indaga sobre sua existência, muitas vezes o sistema jurídico não se indaga sobre o impacto humano de suas decisões.

Clarice, sua escrita me fez perceber que o Direito deve ser mais do que normas: deve ser um instrumento para acolher a complexidade da vida humana, respeitar a dignidade e combater as desigualdades silenciosas. A humanidade do Direito está em reconhecer cada "Macabéa" como sujeito de direitos e histórias únicas.

Com admiração e gratidão,

Luana Ramalho

Estudante de Direito – Projeto Ler no Direito



Ilustração: Luana Ramalho

Carta 14

Belo Horizonte, 13 de junho de 2025
Querida Clarice,

Que bom reencontrar você, pelo mesmo livro que nos conhecemos, lá nos anos 1990. Lembro da importância de ler uma autora mulher, numa época em que quase todos os autores que eu lia eram homens. Me chamava a atenção quando encontrava você em fotos ou trechos em outros livros, jornais ou revistas. Hoje encontro você no Instagram (rs). Guardei frases suas em agendas. Escrevi uma numa folha, com margem desenhada colorida, que ficou na parede do meu quarto por anos: "Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento. Clarice Lispector".

Agora, como estudante de Direito, reli *A Hora da Estrela* com outros olhos, outro fôlego. Não lembrava dos detalhes, embora Macabéa sempre me causou um incômodo silencioso. Como se eu quisesse sacudi-la, para ela gritar, gritar por ela, ao mesmo tempo sabendo que ela não podia reagir. A personagem principal não é heroína, não vence, não sonha.

O livro ficou muito maior e mais denso. Reler Macabéa me levou a revisitar em mim mesma: mulher, esposa, filha, jornalista, mãe, aluna. Me senti menor ainda diante da violência cotidiana sofrida por Macabéa. "Acho que julgava não ter direito", "Para as pessoas outras, ela não existia", "Quem organizou a terra dos homens?". Frases cortantes que em vários momentos pausaram a minha leitura. Para reler, len-ta-men-te, refletir. Quando você diz que ela nunca comeu espaguete, pensei em quantas vezes eu comi espaguete sem pensar nisso como um direito. Revisitei também as invisibilidades que pratico sem perceber. Refleti sobre a minha invisibilidade, mas esse não é o tema desta carta.

O professor Robson solicitou que expressássemos duas questões fundamentais sobre o que significa ser humano no mundo a partir de sua obra e de um trecho específico. As perguntas são inúmeras. Mas colocarei duas, conforme solicitado. O que é ser humano num mundo que nega o mínimo a tantos? O que o Direito pode fazer, de verdade, diante disso?

A Constituição fala em dignidade, saúde, educação, moradia. Nada disso chegou a Macabéa. Ainda hoje, chega a poucos. Quando o professor Ary Fernando nos apresentou a Constituição, disse mais ou menos assim: "Não é porque está escrito que é realidade. Mas estar escrito é um começo". É. Ainda é utopia, mas pelo menos é escrita.

Vejo alguns avanços, como mais oportunidades de estudo para quem não tem condições, mais cuidado com as mulheres, que possuem mais autonomia e direitos, mais

respeito em relação à orientação sexual. A homofobia, assim como o racismo, é considerada crime imprescritível, olha que progresso.

Obrigada por tornar Macabéa eterna. Ela não sabia que era gente. Mas era. Por você, conhecemos sua voz, ouvimos suas perguntas. Ela se tornou visível e com tanto significado, para tanta gente.

Com carinho,

Raquel Aguirre
Estudante de Direito – Projeto Ler no Direito



Ilustração: Luana Ramalho

CARTAS DE OUTROS ATORES SOCIAIS

Carta 15

Belo Horizonte, 23 de novembro de 2025
Às Estudantes do Curso de Direito da PUC Minas
Ana Clara, Luma, Sarah,

Caras estudantes! É com muito carinho e gratidão que participo desse diálogo com vocês sobre a nossa querida Clarice Lispector. Antes de continuar quero agradecer ao Professor Robson Brito pela iniciativa e a gentileza do convite, mesmo sabendo que a literatura não é a minha área do conhecimento, mas como vocês sabem, o desafio é inerente a todas nós mulheres.

Como a correspondência de vocês é direcionada diretamente à Clarice Lispector, inicio trazendo-a para nosso diálogo. Sabemos que ainda que ela não se considere feminista, sua relação com o feminino é profunda e sua obra é fundamental para o estudo do gênero.

Clarice cria personagens femininas complexas, em transformação e que lidam com a opressão cotidiana, silenciamento social, crise de identidade, invisibilidade social, a fragmentação da identidade feminina diante das normas sociais, a violência contra mulheres pobres, nordestinas e marginalizadas, como acompanhamos em *A Hora da Estrela*, com nossa querida Macabéa. Quero esclarecer que me inspirei no diálogo de vocês para tratar os comentários sobre Clarice no tempo presente. Afinal Clarice está entre nós.

Vocês assimilaram com precisão a contemporaneidade de Clarice com as precárias condições de vida de muitas mulheres brasileiras, sobretudo negras e pobres. Temos nos noticiários as mães que são as chefes de família com subempregos, feminicídios, subempregos, baixos salários, baixa instrução. Dessa forma, torço para que cada uma de vocês ao se formarem defendam essa bandeira, defendam essas mulheres, abracem Clarice!

Um grande abraço a cada uma de vocês.
Namastê!

Andréa
(Andréa Regina Mello Fonseca. Professora da Educação Básica na Escola Municipal Dra. Zilda Arns.)

Carta 16

Fortaleza, 1º de novembro de 2025
Queridos João, Caio e Gabriel,

Demorei muito tempo para entender quem eu era. Hoje tenho 51 anos, mas só me tornei negro aos 40. Vivi cercado por pessoas brancas, por instituições brancas, por silêncios brancos. E, por muito tempo, não percebi o quanto isso me apagava. O racismo tem essa habilidade perversa de nos fazer acreditar que estamos bem enquanto nos tira a consciência do que somos. Ele não grita, ele sussurra. Ensina a se calar, a se adaptar, a sobreviver sem se ver.

Lendo a carta de vocês para Clarice, pensei em Macabéa. Ela também não sabia quem era. Não porque fosse ingênua, mas porque o mundo nunca lhe deu chance de saber. Tudo ao redor dela dizia que era menor, irrelevante, dispensável. O mesmo mecanismo que a fazia invisível é o que o racismo cria em nós. É a morte que antecede a morte.

Por muitos anos, fui uma espécie de Macabéa universitário. Trabalhava, escrevia, publicava, mas sem me enxergar por inteiro. Achava que a cor da pele não dizia respeito ao meu lugar no mundo. Essa crença era uma forma de defesa, mas também uma prisão. Quando despertei, percebi que a minha inconsciência era o efeito de uma estrutura inteira moldada para me manter afastado de mim.

Macabéa não teve tempo. Eu tive. E tenho tentado aproveitar cada dia desse despertar. Hoje compreendo que o racismo não apenas oprime, mas separa, pois ele desliga o corpo da memória, a palavra da história, o sujeito da própria vida. Quando nos desconectamos, deixamos de desejar, de lutar, de existir plenamente.

Por isso, ler Clarice e ler a carta de vocês é um gesto de resistência. A escrita é o contrário do adormecimento. É o instante em que o corpo volta a respirar e a alma volta a se reconhecer. Que o Direito aprenda com a literatura o que significa realmente ver o outro e o que significa finalmente se ver.

Com afeto e esperança,

Júlio Araújo
Professor Titular de Linguística – Universidade Federal do Ceará. Pesquisador de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Carta 17

Prezados(as) estudantes de Direito, especialmente Ester e Jullie,

Meu nome é Carla Carolina, tenho 22 anos e, há pouco tempo, me juntei à travessia de vocês pelo Direito e pela vida. Escolhi escrever a vocês dentre outras vozes e cartas porque vossas palavras me encontraram de maneira delicada e inquietante, revelando a força do olhar sensível sobre o humano.

No semestre passado, também percorri as páginas que narram a existência de Macabéa, essa figura que permanece em mim como um eco silencioso. Sua pureza me comove, não aquela que vem da ingenuidade, mas de uma inocência que nasce da falta de consciência sobre si mesma. Macabéa não se sente infeliz porque não sabe o que seria ser feliz; vive num estado quase bruto de ser, em que a dor ainda não se nomeia. Sua ignorância sobre o próprio sofrimento é, paradoxalmente, sua forma de resistência.

O narrador, Rodrigo S.M., por outro lado, representa o extremo oposto: a lucidez que fere, a consciência que pesa. Ele observa, analisa e se atormenta por compreender demais, enquanto Macabéa apenas é. Entre eles, Clarice constrói uma tensão essencial, o embate entre a consciência que dói e a inocência que protege. Essa dualidade me faz pensar que talvez o valor da consciência não esteja em possuir respostas, mas em reconhecer os silêncios que a vida impõe.

Quando vocês perguntam como exigir justiça sem saber que direitos existem, vejo o mesmo dilema: há tantos que vivem como Macabéa, sem consciência do que lhes é negado, e tantos "Rodrigos" paralisados pela lucidez que analisa, mas não transforma. O Direito, nesse sentido, precisa aprender a ver e ouvir o que não é dito, a proteger os que não sabem pedir proteção.

Clarice nos lembra que o propósito é uma construção intelectual, mas a dignidade é inerente. Macabéa não sabia "para quê" vivia, mas existia, e existir já é um ato profundo de humanidade.

Espero que, ao avançar em nossos estudos e práticas jurídicas, possamos levar conosco o compromisso de ouvir para além das palavras, enxergar para além das aparências e agir para além dos ritos. Que o Direito que cultivamos seja sensível às vidas que não sabem exigir seus direitos, mas que tanto sofrem com a ausência deles.

Que não nos esqueçamos jamais que a verdadeira justiça se faz também no abraço à humanidade frágil e silenciosa, e é nela que devemos encontrar a força para transformar realidades e ampliar esperanças.

Com sincera gratidão,

Carla Carolina.

(Carla Carolina Rodrigues de Almeida. Estudante de Direito do 2º período 2º no semestre 2025 da PUC Minas.)

Carta 18

Estimadas Fernanda e Thaís,

A obra de Clarice Lispector possibilita ao leitor e principalmente aos estudantes de Direito refletir sobre a violência de gênero no Brasil.

Elencar semelhança entre a realidade e a obra literária para descrever a violência de gênero no Brasil e, as mazelas que circundam a existência do ser mulher a partir dos trechos do romance de Clarice Lispector é possível não somente pela similaridade da violência sofrida por Macabéa, mas também pelas metáforas que nele se fazem presente.

Insta salientar que a questão da violência é registrada no corpo fenomênico, isto porque o corpo, enquanto veículo do ser-no-mundo, possibilita uma relação direta de engajamento sujeito/mundo, haja vista que é pelo corpo fenomenal que nos situamos no mundo, relacionamo-nos com outrem, percebemos, somos percebidos, tocamos e somos tocados. É um espaço expressivo atravessado pelas intencionalidades motoras e, enquanto um nó de significações vivas, permite ao ser-no-mundo estar no mundo e frequentá-lo.

A existência da personagem Macabéa é desvelada no e pelo corpo, pois é este justamente que se expressa na alegria, na dor, no gesto, nas histórias vivenciadas e guardadas, uma vez que, a cada momento, ela anuncia o seu projeto, o seu sentido e por que não dizer, o significado de sua existência.

Macabéa nos revela a sutileza da violência ao ser mulher que, desde sempre, sofre maus-tratos sem sequer perceber o quanto eles interferem na construção do seu ser. Por meio da análise da simbologia da violência de gênero, avançamos do campo privado das relações humanas para a esfera pública de onde emana o poder e constatamos que o ciclo de morte ao ser mulher se retroalimenta, ainda que existam avanços legislativos com a pretensão de coibi-lo.

Macabéa nasce no sertão de Alagoas, raquítica e com os ossos fracos por falta de cálcio. Com dois anos, perdeu os pais para a febre e mudou-se para Maceió para viver com a tia beata: única parente viva. “Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital” (Lispector, 1998).

A tia beata, que era solteira, batia em Macabéa acreditando que assim evitava que ela fosse “dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro vir a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação.” (Lispector, 1998). Mas, não eram as pancadas a parte que Macabéa mais se lembrava e sim, das privações de comer sua sobremesa preferida: goiabada com queijo. “A menina

não perguntava por que era sempre castigada, mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida" (Lispector, 1998).

Com a tia, mudou-se para o Rio de Janeiro e agora, após sua morte, morava sozinha em quarto compartilhado, localizado na rua do Acre. Trabalhava como datilógrafa, ofício do qual não possuía muita habilidade e por isto, logo seria demitida (Lispector, 1998).

Macabéa, em um dia chuvoso, conheceu Olímpico. Ele trabalhava como metalúrgico, tinha vindo da Paraíba e isto os aproximou. "E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo." (Lispector, 1998).

Mas, a moça fazia seu esforço em ter um relacionamento feliz e apesar do charme e respeito pelo qual Olímpico tratou Macabéa em sua conquista, ele não lhe era muito afeito ao carinho e ao cuidado (Lispector, 1998).

O pai de Glória, sua colega de escritório, era açougueiro e Olímpico ambicioso que era, queria mais da vida e, então, termina com Macabéa sem pudor para ficar com Glória. "– Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?" (Lispector, 1998).

Mas, Macabéa não se ofendeu e até entendeu por que Olímpico escolhera Glória. "Macabéa viu-a [Glória] se despedir de Olímpico beijando a ponta dos próprios dedos e jogando o beijo no ar como se solta passarinho, o que Macabéa nunca pensaria em fazer." (Lispector, 1998).

O corpo feminino é por excelência o lócus de sofrimento e desigualdade. Nele se expressa uma violência simbólica que condena as mulheres, desde o nascedouro, a situações de significativa penúria.

A violência que se impõe a Macabéa e a tantas brasileiras é, em grande medida, simbólica, *pois como magia domina os corpos sem qualquer evidente penúria física.* Manifesta-se "de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação" (Bordieu, 2012, p. 50-51).

Espero, que esta carta instigue vocês a refletirem sobre a relação entre Direito e Literatura.

Atenciosamente,

Gisleule Souto.

(Gisleule Souto. Doutora em Direito pela PUC Minas. Professora do Departamento de Filosofia da PUC Minas.)

Carta 19

Minhas queridas Gabriella e Letícia,

Li — de um lugar que não sei nomear, porque o nome limita — a carta de vocês. Senti um leve tremor nas palavras, como se nelas houvesse o desejo de tocar o que é invisível. E tocar o invisível é o que sempre tentei, sem saber ao certo com que mãos.

Vocês falam de leis, e eu sempre temi o que é rígido. A lei, feita de linhas retas, tenta aprisionar a vida — e a vida, meninas, é curva. O que me comove é que vocês, dentro desse mundo de artigos e parágrafos, ainda conseguem ouvir o murmúrio que escapa entre um inciso e outro. Esse murmúrio é Macabéa. É o que sobra quando todo o resto falha.

Macabéa nunca soube o que era ser vista. Era tão transparente que quase deixava de existir. Mas talvez, agora, ao ser lida por vocês, ela exista um pouco mais. Porque existir é também ser lembrada. Vocês dizem que a Justiça é cega, mas às vezes penso que ela é surda: não escuta o ruído baixo de quem não tem voz.

A Justiça que vocês procuram talvez não more nos tribunais — talvez more no instante em que o olhar se demora sobre o outro. No instante em que o coração se inquieta. A verdadeira igualdade é essa perturbação que impede o sono.

Escrevi *A Hora da Estrela* sem saber que estava escrevendo também um espelho. E agora vejo que vocês se viram nele. Isso me consola. Porque escrever, no fundo, é isso: lançar uma pedra no escuro e esperar que alguém, algum dia, escute o som da queda.

Sigam, então, com essa escuta delicada. Façam da norma uma pele viva. Do artigo, um abrigo. Que o Direito, em suas mãos, saiba chorar — e, quem sabe, sorrir um pouco também.

Com um quase silêncio,

Clarice

(Izabela Silva Moreira. Funcionária da PUC Minas. Mestre em Direito à Educação e Políticas Educacionais.)

Carta 20

Belo Horizonte, 19 de novembro de 2025
Prezados João Gabriel, Maria Aparecida e Welbert,

Me senti inspirada pela carta que vocês escreveram à grande autora Clarice Lispector, relatando como vocês foram afetados pelo livro *A Hora da Estrela*.

Vivemos em uma sociedade profundamente desigual, formada por pessoas que, muitas vezes, não têm consciência empática. Grande parte da população brasileira vive sem que seus direitos humanos básicos sejam respeitados pelo estado ou por seus compatriotas, que não compreendem que todos temos a responsabilidade e o dever de garantir a igualdade e a justiça universal.

Fico muito feliz em saber que vocês desenvolveram essa competência inestimável – a solidariedade. Tenho certeza de que vocês exercerão suas profissões honrando a luta pela garantia dos direitos humanos a todos e todas, compreendendo que é nosso papel construir um futuro mais inclusivo, igualitário e digno.

Sou muito grata pela dedicação de vocês aos seus estudos e seus compromissos com o bem estar daqueles que você puder alcançar. É preciso acreditar na população brasileira, que mesmo tão sofrida, segue resiliente em sua esperança por um futuro melhor.

Jovens como vocês são imensamente necessários. Muito obrigada.

Um grande abraço,

Ana Cláudia Xavier.
Funcionária PUC Minas. Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas.

Carta 21

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2025
Queridas Larissa e Vitória,

Escrevo a vocês em uma noite silenciosa, atravessada pela Psicologia e pelo Jornalismo, que me ensinaram a escutar o que sussurra nas frestas. Na carta que vocês enviaram à Clarice, uma das minhas autoras favoritas, percorri as palavras como quem caminha devagar. Macabéa provoca esse tipo de deslocamento. Faz ver o que a vida costuma esconder, especialmente quando se trata das subalternidades, território que toca profundamente as pesquisas que desenvolvo.

Nessa leitura, senti algo semelhante a abrir um envelope antigo, com letra trêmula, como se a própria Macabéa estivesse ali, destilada nos gestos que vocês reconhecem. Ela não tem consciência suficiente para resistir. E é justamente aí que algo se ilumina. Ela não se rebela porque não sabe. Não sofre porque não nomeia. Deseja, mas do desejo só conhece a vertigem, não o destino.

Quando vocês evocam o narrador, Rodrigo S.M., fiquei pensando na distância quase irônica entre quem pensa demais e quem quase não pensa nada. Talvez Clarice queira nos dizer que a consciência dói. E que, paradoxalmente, a ausência dela também fere. Macabéa vive como quem respira, automaticamente. Rodrigo vive como quem vigia, traduzindo tudo o que vê. Entre os dois estamos nós, tentando existir. Vocês, contudo, fazem o movimento de aproximar e se deixam afetar. Penso que é isso que transforma o Direito em algo mais vivo, mais atento às existências que mal sabem que existem.

Fiquei tocada pela forma como vocês evocam a história do Direito, lembrando que a violência psicológica, tão nítida no comportamento de Olímpico, só ganhou nome muito depois. Há erosões subjetivas que não deixam hematomas, mas deixam marcas. Há vidas tão pequenas na vista do Estado que nem chegam a ser protegidas. Macabéa morre antes mesmo de ser reconhecida como alguém que merecia... viver.

Agradeço por terem me permitido entrar nesse diálogo. Senti que Macabéa, com sua fragilidade tão imensa, ganhou um pouco mais de mundo pelas mãos de vocês.

Com carinho e admiração,

Juliana da Costa Fernandes

Psicóloga clínica, jornalista, especialista em Gestão Estratégica e mestranda em Psicologia (PUC Minas). Tem se dedicado a pesquisas no campo dos Estudos de Gênero na perspectiva de uma psicanálise decolonial.

Carta 22

Belo Horizonte, 20 de novembro de 2025

Caríssimo Ricardo,

Espero encontrá-lo bem e com saúde.

Recebi sua carta com derradeira alegria, cujo conteúdo chegou a mim por meio de gentil convite realizado pelo querido Professor Robson Figueiredo Brito, um verdadeiro entusiasta da educação libertadora. Diante de tanta loucura nos idos da educação jurídica, somente ele seria habilidoso o suficiente para concretizar um projeto tão bonito, baseado na arte do diálogo e do encontro na construção de pontes, como bem vaticinou o Papa Francisco.

Ricardo, a sua carta está muito bem escrita e faz uma leitura extremamente madura sobre as mazelas criadas ou permitidas pela norma jurídica. No decorrer das linhas, pude perceber uma característica pouco compreendida por grande parte dos estudantes de Direito ou pelos chamados *operadores* das carreiras jurídicas: o Direito e a Justiça não são sinônimos, pois até mesmo o conceito de Justiça, na dimensão dos sistemas jurídicos, é fruto de convenções realizadas por quem detém o poder. E, diante da infeliz morte de Macabéa, eu também vociferei: *maldita seja a desigualdade, capaz de matar até mesmo os sonhos mais simplórios!*

Você anotou situação interessante: Macabéa foi esmagada pela pobreza e por toda a situação oriunda da ausência de crítica sobre si. Deixo, nesse ponto, uma pergunta retórica: nossa personagem, encarnada na dura realidade brasileira, teria condições de ser diferente? Se a história de Macabéa, diante da marginalidade de sua existência, não vale a pena nem sequer de ser contada, como pensar em estratégias de superação das contradições sociais por meio de uma prática sustentada na ética da alteridade (ver o Outro) e na libertação dos sujeitos?

Há, ainda, outra preocupação deveras proveitosa. Considerando os desarranjos da norma jurídica, alterar os significados sem mudar a cultura de quem dita o ato de interpretar permite a manutenção de forças ocultas do Direito. Não olvide: há quem defenda o dono daquele carro de luxo em detrimento do olhar virtuoso sobre Macabéa. Nunca foi tão urgente desvelar os rostos cobertos pelo véu da indiferença, pois o Outro precisa ter significado ao mundo.

Obrigado por sua leitura e consequente oportunidade de ler sua carta.

E persista: na dúvida, fique ao lado dos pobres!

Com afeto,

Igor Soares.

(Igor Alves Noberto Soares. Professor da PUC Minas (Especialização) e da Faculdade Santo Agostinho de Sete Lagoas. Doutor em Direito pela PUC Minas.)

Carta 23

Belo Horizonte, 15 de novembro de 2025
Estimado Ricardo Mauro de Abreu,

Eu li a sua carta a Clarice Lispector, sobre a obra *A Hora da Estrela*, com o mesmo cuidado com que se recolhe uma palavra caída no chão. Não apenas para devolvê-la ao texto, mas para sentir o peso que ela carrega. E o que encontrei em tuas linhas foi mais do que uma leitura dessa grandiosa obra, você (permita-me chamar de "você", por me sentir familiar a sua visão de mundo) delineou traços que apontam para uma escuta ética, uma abertura ao humano que o Direito, tantas vezes, tenta traduzir em categorias e artigos.

Você percebeu algo essencial, Macabéa não cabe nos códigos, não está amparada na esperada segurança oferecida pelas leis. Ela existe fora da gramática da justiça formal e, justamente por isso, nos obriga a ampliar o sentido de justiça. A sua carta mostra que o aprendizado jurídico só se torna inteiro quando atravessado pela literatura, quando o aluno de Direito é também um leitor de gente, de histórias de pessoas.

Quando dizes que Macabéa "não reivindica nada", penso que esse nada é o espaço mais radical da injustiça, o ponto em que alguém já não sabe pedir porque nunca foi ouvido. E é nesse silêncio que a obra de Clarice Lispector se torna uma denúncia mais eloquente que qualquer petição. Constatamos, com dor no coração, que há tantas Macabéas sofrendo a mesma "nadidade", as mesmas injustiças.

Há, contudo, em seu texto, um deslocamento bonito, esperançoso: o de que se deixa afetar. Constatamos, com alegria no coração, que há tantos artífices da esperança como você. Isso é uma forma de coragem, de cuidado. Permitir que a ficção te desarme é o primeiro passo para que o Direito reencontre seu rosto humano.

Se Clarice pudesse te responder, e de algum modo ela já respondeu, por meio da tua própria inquietação, talvez dissesse que o verdadeiro ato de justiça é narrar o que o mundo tenta calar.

Continue escrevendo, Ricardo. Há justiça em quem escreve.

Com grata admiração e esperança,
Wellington Santos

(Padre. Professor na PUC Minas. Graduado e mestre em Filosofia. Doutorando em Filosofia.)

Carta 24

Ouro Branco (MG), 19 de novembro de 2025.
Caro Arthur,

Como vai? Espero que estas minhas palavras o encontrem bem!

Li sua carta endereçada a Clarice Lispector com o entusiasmo de quem percorre letras carregadas de emoção e sentimento, conjugados com ética e empatia, como um sopro de ar puro vindo de um mundo que, tantas vezes, contenta-se com as superfícies, mas que você explora de forma crítica e consciente do lugar que ocupa, estando em formação no campo do Direito. Suas palavras sobre Macabéa tocaram no meu íntimo como há muito tempo eu não sentia e me fizeram refletir sobre "as muitas Macabéas", como você mesmo diz, que vivem neste nosso mundo apático às mazelas que fazem delas seres invisíveis. Isso mesmo: não são elas que se fazem assim; é uma estrutura social injusta que as mantém nesse lugar de "não ser".

Assim, seu questionamento sobre o Direito e sua distância dos que mais precisam me soou como um canto de esperança e lucidez humanizada. Macabéa, de fato, não sabia que tinha direitos — mas sabia, no fundo de seu ser, que tinha existência, de algum modo. E essa existência, por mais frágil que possa parecer, pede reconhecimento, pede amparo, pede sustentação, enfim, para essa fragilidade. O sistema jurídico que você descreve — bonito no papel, mas desleal na prática — me faz pensar que talvez a lei precise mais de coração do que de lógica. Precise mais de olhos que enxerguem o invisível do que de doutrinas perfeitas que muitas vezes invisibilizam pessoas.

Quanto à sua segunda questão — se vocês, futuros operadores do Direito, serão capazes de não se tornarem cegos —, eu diria que só quem se permite ser atravessado pela dor alheia pode verdadeiramente fazer justiça. Macabéa morreu sem saber que era protagonista de sua própria história. Quantas Macabéas continuam por aí, sem que ninguém lhes devolva o **direito** de serem vistas, ouvidas, sentidas?

Se *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, é um convite ético, como você diz, então aceite-o não como uma resposta pronta, mas como um caminho humanizado ao seu futuro fazer no campo do Direito. Leve consigo a certeza de que justiça não se faz apenas nos tribunais, mas também — e talvez principalmente — na forma como nos relacionamos com o outro. Um Direito que não enxerga os que que mais precisam dele em seu reflexo é um espelho quebrado: reflete apenas pedaços de realidade, fragmentos de rostos que clamam por justiça e equidade social.

Siga com essa sua inquietação, Arthur! É ela que fará de você um alicerce para as Macabéas tantas por aí. É ela que fará de Macabéas tantas por aí pessoas de verdade.

Com carinho,

Adilson

(Adilson Ribeiro de Oliveira. Professor no Instituto Federal Minas Gerais. Doutor em Letras. Ouro Branco, Minas Gerais.)

Carta 25

São Paulo, 30 de outubro de 2025
Queridas Gabriella e Letícia,

Li suas palavras como quem recebe um sopro de vida num dia silencioso. Há cartas que não chegam apenas aos olhos pousam direto no coração. A de vocês é dessas que não se leem: se sentem.

Talvez Clarice tenha escrito *A Hora da Estrela* para que cada um de nós se encontrasse diante de uma Macabéa interior essa parte pequena, inocente e esquecida de nós mesmos, que só deseja existir, mas quase nunca é ouvida. Vocês compreenderam isso com rara delicadeza: há dores que o Direito não nomeia, mas que a sensibilidade reconhece.

Quando disseram que "Macabéa nos ensinou mais sobre desigualdade do que muitos artigos constitucionais", senti que tocavam o cerne de algo que ultrapassa o jurídico, o humano.

Porque há leis que se escrevem no papel e há leis que se escrevem na alma. A primeira busca a ordem; a segunda, a compaixão.

Na Casinha, onde caminho como multiplicador, aprendo que ensinar é sempre um ato de escuta, e que às vezes, o maior gesto de justiça é oferecer um ouvido que acolhe antes de qualquer sentença. Aqui, entre livros e olhares, percebo que o verdadeiro Direito não nasce do rigor da norma, mas da ternura que enxerga o invisível.

Vocês falam do silêncio como denúncia e talvez o silêncio seja mesmo o mais antigo dos gritos. Macabéa não sabia quem era, mas Clarice, com sua escrita, deu-lhe uma voz que atravessa séculos. Vocês, ao escreverem essa carta, continuaram esse eco.

E eu, ao lê-las, apenas me inclino diante dessa corrente de empatia que o tempo não quebra: Clarice fala a Macabéa, Macabéa fala a vocês, e vocês falam a todos nós.

Guardem, por favor, essa chama, essa coragem de sentir.

O mundo precisa de juristas que saibam chorar antes de julgar, que compreendam que dignidade não é um conceito, é um gesto.

E se um dia, entre as formalidades da lei, o peso das palavras parecer sufocar o sentido, lembrem-se de que o Direito só respira quando tem humanidade.

Sigo caminhando ao lado de vocês, na mesma travessia,
onde a justiça é sonho e o sonho, uma forma de fé.
Com profunda admiração e ternura,

Guilherme dos Santos Cavalcante Fuchs
Multiplicador bolsista da Casinha.

Carta 26

São Paulo, 30 de outubro de 2025.
Queridas Thawany Ramana e Camila Eduarda,

Meu nome é Miguel, tenho 17 anos e pretendo seguir o caminho do Direito, um ofício tão humano, mas que muitas vezes se esquece do humano. A forma como falaram de Macabéa, entre a ignorância que a protege e a ausência que a condena, me deixou pensando que talvez o Direito, assim como a literatura, existe justamente para iluminar o que não sabe que é sombra.

Ao reler Clarice, percebi que a inocência de Macabéa não é uma virtude nem um defeito, mas um estado de pureza bruta, anterior à consciência. Ela vive sem entender o que vive, e há nisso uma paz que nós, que sabemos demais, já não conseguimos alcançar. Rodrigo S.M. é o oposto: pensa até se despedaçar. É como se ele sofresse por ela (e por nós também) por carregar o fardo da lucidez. Talvez Clarice tenha criado esses dois seres para nos mostrar que entre a inconsciência e a consciência há uma fronteira fina, e é nela que mora o que chamamos de humano.

Macabéa não entende o mundo, mas o habita com uma pureza que o próprio mundo perdeu. Talvez por isso o sofrimento não a alcance. Porque desconhece o tamanho da dor. E o que é a dor senão o eco da consciência? Enquanto Rodrigo S.M. se despedaça tentando compreender o ser, ela apenas é. Ele representa o homem que carrega o peso do saber; ela, a mulher que ainda não descobriu o que é ser vista.

Vocês escreveram que "o Direito precisa ser mais do que técnica; deve ser ponte para o humano". E eu acredito nisso. Porque o Direito se faz, essencialmente, no modo como olhamos o outro. Macabéa não sabe pedir ajuda, mas sua existência já é um pedido. Cabe a nós, que escolhemos esse caminho, aprender a escutar o que não é dito.

Quero estudar o Direito com essa consciência que a justiça não é devolver humanidade a quem foi esquecido dela. Macabéa talvez nunca tenha entendido o que significava "ter direitos", mas Clarice nos faz entender que isso não a torna menos merecedora deles.

A consciência é um fardo, mas é também o que nos permite amar o outro. E amar o outro é o que torna o Direito digno de existir.

Com admiração,
Miguel Mello.

(Miguel Melo. Estudante. Participante dos Círculos de Leitura do Instituto Braudel.)

Carta 27

Belo Horizonte, 25 novembro de 2025
Prezada Cíntia,

A leitura de sua carta me chama a atenção desde o início, singularmente por causa da pergunta: **"***O Grito Silencioso de Macabéa: Por Que a Dignidade Humana Ainda É um Privilégio (e o Direito Falha)? "*

Essa talvez seja uma pergunta que comporta uma indagação muito ao modo do Papa Francisco, quando ele nos lembra da condição de estarmos de passagem na terra, caminhantes em busca de sentido que nos pede coragem. Sei que a personagem Macabéa vem dos escritos da célebre Clarice Lispector, que, com toda a sua astúcia, nos convida a refletir sobre três questões profundamente filosóficas: o que é ser humano? o que é ser mulher? e o que é a humanidade?

Quem cursa Direito não pode deixar de se interrogar sobre essas questões, pois são fundamentais para compreender que a igualdade não deve permanecer apenas no campo da formalidade, mas transformar-se em luta cotidiana de todos nós. E somos iguais?

Você menciona sua segunda experiência universitária, agora no campo do Direito, e aponta para situações ainda tão presentes em nosso País, como a falta de acesso de muitas mulheres brasileiras ao exercício pleno da cidadania e à participação ativa na vida social em sua integralidade.

E, ao chegar a este trecho:

"Clarice, sua escrita delicada e, ao mesmo tempo, feroz me fez enxergar que o Direito, mais do que um conjunto de normas, deveria ser um instrumento de escuta, de reconhecimento e garantia de isonomia entre as pessoas. Macabéa não sabia seu valor porque ninguém jamais lhe disse que ela tinha algum. Isso não é só um drama literário, é a realidade concreta de milhares que permanecem invisíveis aos olhos do Estado e da sociedade, principalmente a figura feminina que historicamente é subjugada." — você me faz pensar e estabelecer uma associação livre com Antígona (Clarice), que luta pela liberdade em um momento tão significativo da história do feminino na Grécia Antiga, mas que permanece atual ao enfrentar a tirania do rei, não temer o conflito, revelar o amor fraterno e pagar com a própria vida. Talvez a morte de Macabéa nos lembre o processo de não podermos ser atravessados pela (in)consciência. E o que se espera de uma mulher — como mãe, irmã, cidadã — é justamente enfrentar o autoritarismo em todas as suas formas de apagamentos do ser substância de Humanidade.

Obrigado por nos presentear com essa reflexão.

Fico feliz em poder afirmar que ainda é possível fazer filosofia e exercer o ofício de mestre.

Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito

(Robson Figueiredo Brito. Doutor em Linguística. Professor do Departamento de Filosofia. Coordenador do projeto Ler no Direito (2018-2023). Coordenador do Laboratório de Extensão, Práticas, Pesquisas, Publicações Acadêmicas e Internacionalização da Pró-Reitoria de Extensão (LEPPPAI) – PROEX - PUC Minas.)

Carta 28

Belo Horizonte, 3 de novembro de 2025
Prezadas Kethllem Cristina e Luciana Reis,

A leitura da carta que vocês dirigiram a Clarice Lispector me tocou profundamente. Suas palavras refletem uma compreensão sensível e necessária sobre o papel do Direito — não apenas como um sistema normativo, mas como instrumento de reconhecimento e valorização da existência humana. A reflexão sobre *A Hora da Estrela* nos conduz a um ponto crucial da prática jurídica: a necessidade de enxergar o sujeito por trás do processo, a vida por trás do caso.

Macabéa, personagem central da obra de Clarice, representa a invisibilidade social que tantos ainda vivem. Ela é o espelho daqueles que não se percebem como sujeitos de direitos, que não têm consciência de sua própria dignidade. Essa ausência de autoconhecimento não é um fracasso individual, mas o reflexo de uma estrutura social que nega o olhar, a escuta e a palavra a muitos. No cotidiano do Direito, encontramos inúmeros Macabéas — pessoas cujas vozes se perdem em meio à formalidade dos autos e à distância de um sistema que, muitas vezes, fala sem realmente ouvir.

A atuação jurídica deve, portanto, ultrapassar os limites da técnica. O operador do Direito precisa ser, antes de tudo, um intérprete da realidade, alguém capaz de compreender o contexto social, emocional e existencial que envolve cada demanda. A Hermenêutica Jurídica, nesse sentido, é mais do que um exercício de interpretação textual; é um convite à empatia, à leitura do ser humano em sua integralidade. Interpretar a norma é também interpretar a dor, a esperança e a luta que ela tenta abarcar.

Clarice nos ensina, em sua prosa, o que o Direito muitas vezes esquece: a importância do olhar sensível. A justiça não nasce apenas dos códigos, mas da consciência de que cada pessoa, por mais invisível que pareça, carrega uma história digna de ser ouvida. Assim, o Direito se torna um ato de reconhecimento, um gesto ético e humano que transcende o formalismo e alcança a verdadeira essência da justiça.

Concordo com vocês quando afirmam que o maior desafio do Direito é alcançar aqueles que não sabem que têm direito a ter direitos. Isso exige de nós, estudantes e futuros profissionais, um compromisso que vai além da sala de aula: o compromisso de humanizar o discurso jurídico e de atuar como pontes entre a norma e a vida. Afinal, o Direito só cumpre seu propósito quando transforma a invisibilidade em reconhecimento e a omissão em voz.

Agradeço pela reflexão inspiradora que suas palavras despertaram. Elas reforçam a certeza de que o estudo do Direito é, também, um exercício de humanidade. Que

possamos, como futuros juristas, praticar uma justiça que não apenas se aplica, mas que se sente — uma justiça que reconhece, acolhe e transforma.

Com estima e admiração,

Rafael Rodrigues
Estudante de Direito

Carta 29

Belo Horizonte, 03 de novembro de 2025
Querida Luana Ramalho,

Meu nome é Ana Luiza e assim como você, sou estudante de Direito. Senti uma profunda identificação com sua carta, que traduz com urgência a responsabilidade ética que a leitura de Clarice Lispector nos impõe. Clarice, através do seu alter ego, Rodrigo S.M, busca construir um fluxo de consciência que retrata a invisibilidade social e a extrema vulnerabilidade de certos grupos sociais na modernidade. Ao relatar sua vontade de ser artista de cinema, o narrador constrói a antítese, entre o âmago da liberdade que a sua visibilidade traria e as amarras sociais que a silenciam e a ignoram.

Por isso, sua reflexão sobre a invisibilidade social de Macabéa e o questionamento da acessibilidade do Direito me atingiram em cheio. Senti a mesma inquietação: como podemos defender a dignidade humana se muitos sequer têm a consciência de si para saber que são sujeitos de direitos? Macabéa não tinha senso crítico sobre si mesma e sobre o mundo que está inserida, mas nós temos.

A chave para mim reside na inocência que você destacou. Macabéa, como o "cachorro que não sabe que é cachorro", está imersa em uma falta de autoconsciência que a protege da complexidade e do sofrimento de sua condição. Essa pureza contrasta violentamente com o narrador, Rodrigo S.M., que é a figura da hiper consciência, intelectual e atormentado pela própria existência. Ele teoriza, ela é. O Direito, muitas vezes, corre o risco de ser como Rodrigo, excessivamente intelectualizado e distante da pura existência de Macabéa.

Na prática, tanto Macabéa quanto outros milhares de brasileiros não possuem acesso, oportunidade ou equidade. A Macabéa vive sem saber "para quê", mostrando que a busca por um propósito é uma construção intelectual, sendo a nossa função, como futuras operadoras do Direito, garantir o seu direito inegociável à pura existência, respeitando sua dignidade em sua forma mais umbilical. A morte de alguém jamais pode ser a sua “hora da estrela” e seu único momento de pertencimento ao mundo que estamos inseridos. O Direito precisa ser o instrumento que rompe essa cegueira ética, acolhendo a complexidade da vida humana e combatendo as desigualdades silenciosas.

Com admiração pela sua lucidez e coragem crítica,

Ana Luiza Rodrigues Marques Nicolato Peixoto, 23 anos, estudante de Direito do 8° período da PUC Minas.

Carta 30

Querida Raquel,

Li tua carta com calma e senti nela uma sinceridade que toca. É bonito ver como a leitura de *A Hora da Estrela* voltou a te alcançar depois de tanto tempo. Ler de novo é sempre outro encontro. Tu mudaste, e a leitura também.

Macabéa continua sendo um espelho difícil. Ela não reage, não luta, não sonha, e isso perturba. Mas essa ausência também fala. O silêncio dela revela um tipo de dor que não cabe em palavra nem em lei. Talvez por isso ainda incomode: porque mostra o que preferimos não ver.

Tuas perguntas são justas. Ser humano num mundo que nega o mínimo é seguir tentando sentir, mesmo quando é mais fácil se proteger. É se recusar a achar normal o que é injusto. O Direito pode pouco, mas o pouco que pode já é muito quando nasce da escuta. A lei não transforma o mundo sozinha, mas pode abrir caminho para quem ainda não teve voz.

A frase que guardaste na parede — "viver ultrapassa qualquer entendimento" — continua verdadeira. Talvez o sentido da vida esteja menos em entender e mais em permanecer aberta, como tu fizeste ao reler Macabéa.

Obrigada por escrever com tanto cuidado. Quando alguém lê com atenção, Macabéa volta a existir um pouco mais.

Com carinho e clareza,

Clarice

(Maria Eduarda de Aquino Santos. Graduanda em Psicologia pela PUC Minas.)

Carta 31

Jacarezinho, 9 de novembro de 2025
Querida Raquel Aguirre,

Sou William, prazer. Li sua carta dedicada, com palavras e também escrita de próprio punho - que lindo! Amei o seu texto; assim como você, li Clarice há algum tempo. Lembro quando fui procurar a palavra miopia no dicionário e, depois de alguns anos, descobri que era o que eu tinha nos olhos haha. Uma das frases que mais amo dela é esta: "Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho".

Os seus sentimentos sobre a personagem estão em uníssono com todos aqueles que sentem o fardo do coração no peito. Como a autora diz no livro *Um Sopro de Vida*: "O sofrimento por um ser aprofunda o coração dentro do coração". Falando do peito, fico espantado com o universo de Macabéa, que parece estar sem um toner de tinta colorida. Raquel, sua primeira pergunta levantada sobre o ser humano em um universo de mínimos me faz lembrar dos descampados em que às vezes nos encontramos — em plena terra arrasada, precisamos encontrar formas de seguir em frente. Clarice diz no livro *Água Viva*: "Tudo o que existe respira e exala um finíssimo resplendor de energia". E, de fato, Macabéa brilha em pequenos pontos vagalumísticos e, em um momento desoportuno, brilhou em farol com uma atriz de cinema, encerrando o seu espetáculo de vida. Mesmo com os mínimos, havia algo que a energiza em doses de pilha AA.

Brilhante sua reflexão sobre o direito e a personagem, evoluiu muito. Os profissionais que fazem e cuidam das leis fizeram terras férteis, menos Macabéas no cenário. Quem pode falar da nossa gente com destreza é Darcy Ribeiro, mas existir é um grande ser (e não ser) Macabéa. Às vezes acreditamos em uma cartomante, mas não em nós mesmos. Mas elas existem aos montes, e, graças a Clarice, conhecemos uma delas para a eternidade.

Com carinho,

William Messias

(William Messias Pereira Secco. Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Letras, com habilitação em Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Membro do grupo de pesquisa Linguagem e Educação (LED).

Carta 32

Caros estudantes de Direito,

Lendo suas cartas, fui tocada por muitas frases. No entanto, senti que tudo fez mais sentido quando li algo que Ester Meire e Jullie Beatriz escreveram: elas trazem a ideia de que Clarice Lispector consegue, em sua escrita, ferir com beleza. É quase um pleonasmo, ferir com beleza. Ninguém se fere ou é ferido e acha bonito. A dor, naturalmente, é incômoda; depois que a sentimos uma vez, decidimos que é melhor evitar qualquer lugar onde ela possa nos alcançar novamente.

Mas Clarice não. Ela não foge da dor e enxerga nela a essência da vida. É isso que faz seus livros serem importantes de guardar, não no bolso, mas na alma.

Meu nome é Mariana, tenho dezenove anos e sou estudante de Licenciatura em Artes. Moro na periferia de São Paulo, muito longe do meu estágio e da minha faculdade. São mais de quatro horas todos os dias me locomovendo no transporte público. Nesse tempo atravessando São Paulo, vejo pessoas de todos os tipos: os trapaceiros como Olímpico de Jesus, as que tentam sobreviver como as Marias, os que brigam com a própria consciência como Rodrigo S.M., as vaidosas como Glória; às vezes passo até pelos chefes arrogantes de Macabéa. E todos eles eu consigo ver bem: todos são "competentes para a vida", todos ressoam de alguma forma. Mas, antes de ler *A Hora da Estrela*, nunca havia visto Macabéa nos trens, ônibus e metrôs de São Paulo.

Gabriella Liz e Letícia Diniz escreveram que foi nesse livro que conseguiram ver, por trás das palavras do Direito, gente. Comigo não foi diferente. Escutei como se fossem gritos o tom passivo de Macabéa todas as vezes que ela pedia desculpas.

Como estudante de Licenciatura e alguém que sempre acreditou na emancipação que o conhecimento nos traz, achei que o "despertar" de Macabéa estivesse na "Hora da Cultura" do rádio-relógio. Mas percebi que não e, como o estudante Ricardo Abreu, também me senti menos segura das ferramentas do meu ofício.

Percebo que Clarice coloca esses "quases" em vários momentos, até no final, para mostrar que nada daquilo é suficiente: não é apenas o trabalho de datilógrafa, a compaixão exclusiva do narrador, a cultura do rádio ou o alemão que vão salvar nossa estrela.

Quando a cartomante mostra a Macabéa que ela sofre, percebe-se que ela precisa de mais, muito mais. Em todas as cartas, vocês falam sobre isso: sobre os amplos direitos que se constituem e que, de fato, poderiam ter feito Macabéa ter tido sua hora da estrela.

Mariana Fernandes de Oli Camargo
Estudante de Licenciatura em Artes.

Carta 33

Caros estudantes de Direito,

Ao ler as cartas que vocês escreveram, senti como se cada uma fosse um espelho das múltiplas dores e silêncios que Clarice Lispector retrata em *A Hora da Estrela*. Suas palavras me fizeram perceber como essa obra continua viva, despertando em nós o desconforto de enxergar o que normalmente passamos a vida evitando: a invisibilidade do outro. Meu nome é Guilherme Cavalcante de Souza, tenho 17 anos, moro em Guarulhos e estudo em São Miguel Paulista, na Escola Estadual Dario de Queiroz. Todos os dias cruzo a cidade para estudar, e nesse trajeto vejo pessoas que poderiam ser personagens de Clarice: os que fingem estar bem, os que lutam para continuar existindo, os que seguem em silêncio. Mas, como muitos de vocês disseram, é raro enxergar uma Macabéa porque ela é aquela que não chama atenção, que não sabe que pode ser vista. Clarice transforma essa falta de consciência em algo profundamente humano. Macabéa não se entende, não se questiona, apenas é. Vive num estado de inocência que a protege e, ao mesmo tempo, a condena. É como se Clarice quisesse nos mostrar dois extremos da existência e nos perguntar onde estamos entre eles. Nas cartas, percebi que muitos de vocês entenderam que o Direito, assim como a literatura, precisa aprender a olhar. Porque só quando o olhar se torna humano é que a justiça pode ser real. Clarice parece dizer que não basta ter leis, é preciso enxergar as pessoas que ainda não sabem que têm direito de existir. Talvez a "hora da estrela" não seja um instante de glória, mas o momento em que alguém finalmente é visto. E, se o Direito puder fazer isso, dar visibilidade aos invisíveis, então ele se tornará aquilo que Clarice mais acreditava que a vida devia ser: um gesto de reconhecimento.

Guilherme Cavalcante de Souza.

(Estudante. Participante dos Círculos de Leitura do Instituto Braudel.)

OUTRAS RESPOSTAS À CLARICE

Carta 34

Despertar, o Direito e a tecnologia como instrumento de efetivação

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2025
Prezada, Clarice Lispector!

Inicio a escrita formal, pois apesar de conhecê-la tão profundamente e ser uma eterna admiradora de suas obras, tratá-la pelo vocativo "querida", soava me superficial, pois, através de suas obras você se revela, mas sempre deixa uma interrogação, um ar de mistério, desperta a necessidade de devorá-la e desvendá-la.

Assim, ocorre com a obra *A Hora da Estrela* que você descreve o cotidiano de uma Nordestina, que migra para capital, a personagem é narrada com um realismo excepcional, a sensibilidade e profundidade em que ocorre é brutal e ao mesmo tempo leve.

Causa-me uma estranheza absurda, como uma mulher com tanta personalidade, humildade e pureza, poderia ser tão invisível. Ela é a personificação de várias mulheres da periferia, que migram de suas raízes em busca de sustento, não em busca do sonho americano de fortuna, apenas fogem da miséria, são tão desprovidas de recursos básicos, quem não se sentem merecedoras de algo melhor, o pouco e o simples para muitos é uma grande conquista.

A persona Macabéa, remete-me ao príncipe Michikin, descrito no livro Idiota, escrito pelo Dostoievski, um personagem ingênuo, extremamente bondoso e humilde, que foi massacrado, ridicularizado e trancafiado em um Manicômio, porque não se encaixava nos padrões da sociedade corrompida.

Clarice, com a difusão da internet, você iria de surpreender com a dimensão e a velocidade, em que mulheres como Macabéa, são ridicularizadas e canceladas.

Criminosos utilizam da tecnologia, para lubrificar e explorar, da ingenuidade, com promessas de liberdade financeira, amor e qualquer subterfúgio, para explorá-las, o que foi criado para facilitar a comunicação, torna-se uma arma nas mãos de pessoas ardilosas.

No livro tem uma passagem que diz que **"pobre, não estaria te lendo por que ler-te seria supérfluo para quem tem uma leve fome permanente"**, discordo de sua afirmativa, pois o pobre tem uma ânsia de viver e muitos vezes apenas está entorpecido.

Uma banda Titãs, lançou uma canção Comida, que diz: "A gente não quer só comida; A gente quer comida, diversão e arte; A gente não quer só comida, A gente quer saída para qualquer parte; A gente não quer só comida, A gente quer bebida, diversão, balé; A gente não quer só comida; A gente quer a vida como a vida quer" ... Então, o

pobre tem essa fome de viver, de ter bens materiais, ser respeitado e ter dignidade, apenas precisa ser despertado.

Clarice, posso parecer uma ingênua, porém, como operadora e estudante de Direito, de raízes humildes, como dizem a linguagem vulgar “cria da periferia”, acredito fielmente, que com conhecimento das leis e a tecnologia, podemos garantir além do mínimo existencial, para os desfavorecidos, como sua Macabéa e as várias espalhadas no Brasil.

Você, mais do que ninguém, sabe que temos o direito ideal, direitos assegurados na constituição, e o direito real, como são implementados e que nem sempre o Estado e a sociedade conseguem suprir para uma grande maioria de população brasileira.

No entanto, quando manejam a tecnologia para informar os direitos, as leis e de quais órgãos, podem exigir os direitos, informando e transformando mulheres e cidadãos conscientes, eles não irão mais aceitar abusos camuflados em forma de cuidado.

Clarice o conhecimento é libertador e sacia a fome dos pobres e oprimidos, pode parecer piegas. Mais ainda é uma bela visão e talvez o caminho para reescrever a história.

Atenciosamente, sua eterna leitora

Climene de Jesus da Cunha Souza Lage

Bacharela em Direito pela PUC Minas. Advogada e pós-graduanda em Direito de Família.

Carta 35

Prezada Clarice Lispector,

Escrevo-lhe com a estima de quem encontrou em *A Hora da Estrela* um convite silencioso a encarar, sem disfarces, o que somos e o que fazemos dos outros. Sou seminarista religioso e estudante do quarto período de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e sua obra atravessou meu caminho pela primeira vez ainda no ensino médio. Já se passaram quase dez anos desde que ouvi, pela primeira vez, a voz daquela moça que dizia gostar de parafusos e pregos, uma voz simples mas capaz de revelar um mundo inteiro.

O nome de Macabéa, associado aos Macabeus, poderia sugerir firmeza e resistência. No entanto, a personagem que a senhora constrói parece estar privada até mesmo da possibilidade de perceber a própria precariedade. Vive sem verdadeira consciência de si, quase entregue ao fluxo dos dias, incapaz de interpretar a própria experiência. Para quem se dedica à filosofia, essa figura suscita questões sobre o nascimento da interioridade, sobre o que significa ter domínio sobre a própria vida e sobre o que resta do sujeito quando tal domínio nunca se forma.

A relação entre Macabéa e Olímpico de Jesus desvela essa reflexão. A maneira como ele se reporta a ela, a diminui e a trata como alguém sem valor, revela o colapso do encontro humano quando o outro é reduzido a instrumento. A hierarquia que se estabelece entre ambos demonstra como a ausência de reconhecimento destrói qualquer possibilidade de convivência verdadeira. A violência moral que ele exerce está disfarçada de trivialidade cotidiana, evidencia o quanto uma relação pode ser deformada quando falta a mínima disposição ética.

A vida de Macabéa, por sua vez, mostra o que ocorre quando alguém cresce sem as condições que lhe permitiriam desenvolver as faculdades próprias da pessoa. Sem meios para cultivar a inteligência, sem tempo para cuidar de si, ela permanece confinada a uma existência limitada, quase apagada. A filosofia, desde os antigos, já advertia que a falta de bens essenciais impede o florescimento humano; sua narrativa expõe, com precisão dolorosa, essa verdade esquecida.

Ao alternar um olhar que ora se aproxima, ora se esquiva, essa oscilação reflete a atitude comum de quem observa o sofrimento, mas se recusa a envolvimento, igual a postura de uma sociedade que vê, mas não se envolve em mudar o que ocorre. Isto nos força a reconhecer a facilidade com que transformamos pessoas reais em meras figuras à margem do nosso campo de atenção dialógico.

Por fim, agradeço-lhe por abrir espaço para tais reflexões. Como seminarista e estudante de Filosofia, considero as reflexões parte de uma tarefa mais ampla: compreender o ser humano com seriedade e tratá-lo com a dignidade que lhe é devida.

Atenciosamente,

Iago Alves
Seminarista Religioso Claretiano. Estudante de Filosofia do 4º período Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

POSFÁCIO

Raquel Regina Minamizawa de Aguirre*

No primeiro semestre de 2025, dentro da disciplina de Hermenêutica, Argumentação e Lógica, o professor Robson Figueiredo Brito propôs à nossa turma do 4º período que escrevêssemos uma carta para Clarice Lispector, a partir da leitura de *A Hora da Estrela*, no âmbito do Projeto Ler no Direito, do qual ele é idealizador. O objetivo era construir um diálogo com a autora e, para isso, nós, alunos, interpretamos o livro, o Direito presente na narrativa e as nossas próprias reações, valores e emoções.

Receber o convite para organizar este *e-book* com o professor foi uma alegria imensa. Escrever a carta já havia sido uma experiência prazerosa. Ajudar a reunir outras vozes foi um movimento de expansão da atividade iniciada em sala de aula:

1 - Entramos em contato com os 26 alunos autores das 14 cartas selecionadas, que aceitaram participar com entusiasmo. Conversas nos corredores, entrega de documentos, mensagens no *WhatsApp*.

2 - Convidamos alunos do curso de Direito para colaborar com ilustrações. Cinco alunas criaram imagens inspiradas em suas leituras e nos presentearam com suas identidades nos traços e nas cores.

3 - Abrimos espaço para a escrita de cartas-respostas, por pessoas internas e externas à Universidade. Foram 20 respostas.

Assim, o diálogo iniciado entre Clarice e os estudantes se ampliou. Das cartas para as ilustrações, das leituras para as respostas. Agora, estende-se para os leitores deste livro, que reúne 35 cartas, fruto da participação de 49 pessoas com os textos e ilustrações, incluindo 31 alunos de Direito da PUC Minas São Gabriel.

Estar em uma sala de aula de Direito, 23 anos após me formar em Jornalismo, muitas vezes me faz sentir como se estivesse aprendendo uma nova língua. Foi nas aulas de Hermenêutica, Argumentação e Lógica, com o professor Robson, que comecei a compreender e respeitar o texto jurídico, sua estrutura, sentido e objetivo. Antes, eu percebia apenas a rigidez, descompromisso com a compreensão.

A própria palavra hermenêutica, que antes me soava enigmática, passou a fazer sentido: trata-se do exercício de interpretar, aplicar, construir o significado considerando questões intrínsecas e extrínsecas, compreender o mundo, o texto e o outro.

* Jornalista. Graduanda em Direito na PUC Minas São Gabriel.

Escrever as cartas foi, portanto, um gesto hermenêutico. Uma escrita que se revela como uma ferramenta de formação crítica e cidadã, porque estimula a empatia, o diálogo e a escuta.

Este livro é a continuidade desse processo: uma conversa viva entre Literatura e Direito, entre o sentir e o interpretar, entre Clarice e cada um de nós.

Agradeço, mais uma vez, ao professor Robson o convite para organizar o livro. Aos alunos e autores externos que aceitaram fazer parte com os textos e ilustrações. À Fabiana Marques de Souza e Silva, bibliotecária da PUC Minas, que formatou, editou e revisou nosso material. Às grandes mulheres e profissionais que apoiaram e colaboraram com as mensagens final, inicial e prefácio, respectivamente: Wilba Lúcia Maia Bernardes, diretora da Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas, Claudia Venturini, pró-reitora de extensão da PUC Minas e Maria Emília Naves Nunes, professora e coordenadora do curso de Direito na PUC Minas São Gabriel.

O exercício da leitura, escrita e diálogo contribuem com a nossa formação, dentro e fora da universidade. Todos nós, que fizemos parte desse movimento, estamos agora conectados nesta experiência em comum, eternizada neste livro, que podemos acessar e compartilhar quando quisermos. E que nos relembra a não distrairmos e olharmos sempre para as Macabéas que seguem entre nós.

Belo Horizonte, novembro, 2025.

MENSAGEM FINAL

O Falar se fortalece com o Ler. A linguagem, se queremos um mundo mais pacífico e digno, tem papel fundamental na construção das relações humanas e ler em diálogo com o outro, ou com os outros, nos abre à alteridade.

Os alunos, os docentes, os parceiros e os funcionários da PUC Minas foram tocados e ficaram todos envolvidos com os trabalhos robustos e que estão apresentados neste *e-book Vozes de Macabéa: entre Letras e Justiça, Experiências do Ler no Direito com Clarice Lispector – Extensão Universitária em foco*. Este afazer conjunto resultou em um pensar crítico e humano, atrelado à dimensão maior e mais desafiadora da educação: promover a justiça social.

Assim, a experiência criada, a partir do diálogo, amplifica a sororidade e nos coloca imerso em universos plurais, múltiplos, dando vazão para que se construam vínculos com o diferente e, paradoxalmente, para sabermos que não somos tão distintos em nossa 'Casa Comum'.

No caso do Direito, o processo hermenêutico estabelecido na aplicação da lei e no desafio de se buscar a justiça pressupõe que sua compreensão passe pelo entendimento da palavra que tanto se conecta com os nossos valores, princípios e experiências. Atribuir sentido a um texto, em especial, ao texto da lei, é um complexo desafio e inspira juristas na tentativa de se colher a resposta correta aos casos concretos.

Mas, todo esse processo só se perfaz no mundo da vida, quando carregamos de sentido algo aparentemente inerte, neutro. Desse modo, unir Direito à Literatura concretiza um processo de formação educacional que potencializa a abertura de horizontes e o fechamento crítico do pensamento jurídico.

Macabéa, estrela da hora na exclusão, na anomia, na apatia, percorrerá ainda caminho árduo. Nesse cenário há uma identificação ao momento atual, mas também, há reflexões sobre a necessidade de afirmarmos direitos fundamentais, de nos reconhecermos cidadãos ativos.

Com este interessante projeto Ler no Direito, o professor Robson Figueiredo Brito e a estudante de Direito Raquel Regina Minamizawa de Aguirre, por intermédio da obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, conseguiram alcançar objetivos importantes como a interação e o envolvimento dos discentes, a tomada de consciência, a troca de saberes. É também na leitura de cartas endereçadas por nossos estudantes à Clarice que

podemos atestar que restaurar o sonhar não se antagoniza com a capacidade de nos reconhecermos senhores de nossa história.

Assim, vamos a esta leitura, porque nela e por ela, vale a pena enxergarmos o outro.

Belo Horizonte, dezembro de 2025

Profa. Dra. Wilba Lúcia Maia Bernardes

Diretora da Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2012.

BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. *In*: AZEVEDO, José Clóvis de *et al.* (org.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000. p. 449-462.

FARACO, Carlos Alberto Faraco. **Linguagem e diálogo**: as ideais linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FRANCISCO, Papa. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do simpósio universitário "Service-Learning e o Pacto Educativo Global"**. Vaticano: Dicastério para a Comunicação, 9 nov. 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/november/documents/20241109-simposio.html. Acesso em: 10 nov. 2025.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. *E-book.*

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo uma manhã. *In*: MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. São Paulo: Alfaguara, 2008. p. 69.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Trad. Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo, São Paulo: Editora 34, 2018.